

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

GRAZIELLE DE ALBUQUERQUE RAMOS

**A VISÃO DAS PROFESSORAS, DO NÚCLEO GESTOR E DAS FAMÍLIAS SOBRE  
A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

FORTALEZA

2010

**GRAZIELLE DE ALBUQUERQUE RAMOS**

**A VISÃO DAS PROFESSORAS, DO NÚCLEO GESTOR E DAS FAMÍLIAS SOBRE  
A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Ceará - UFC como requisito básico para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

ORIENTADORA: Silva Helena Vieira Cruz - Dr.<sup>a</sup>

FORTALEZA

2010

**GRAZIELLE DE ALBUQUERQUE RAMOS**

**A VISÃO DAS PROFESSORAS, DO NÚCLEO GESTOR E DAS FAMÍLIAS SOBRE  
A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Ceará - UFC como requisito básico para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em **12 / 11 / 2010**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Helena Vieira Cruz – (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosimeire Costa de Andrade Cruz  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria de Oliveira Scharamm  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Todos esses anos de graduação se resumem em uma só palavra: SUPERAÇÃO. Dedico a Deus pela força nas horas difíceis longe de minha família. Também a minha mãe, sem dúvida o exemplo a seguir. E, não querendo ser egoísta, ofereço a mim pela luta e dedicação nas horas de estudos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me conforta nos momentos de tristeza e me alegra mais ainda nas ocasiões felizes. A única certeza de minha vida!

À minha avó Iracilda Juvêncio, que com seus discursos e conselhos me ajudou na longa caminhada da Graduação. Sempre uma referência em minha vida! Também aos meus avôs maternos, Francisca Braúna e Armando Cavalcante, que me ensinaram a respeitar a vida. Muitas saudades!

À minha família, que sempre colaborou com meus estudos apesar do barulho infernal, mas reafirmo que tenho um amor grande por todos. Vocês são as pessoas mais importantes na minha vida!

À amiga Dr.<sup>a</sup> Gecilda, que com seus ensinamentos inclui em minha vida duas palavras essenciais: SUPERAÇÃO e CONQUISTAS. Vou te levar pra sempre!

Aos padrinhos, Ana Arlete e Robson, por me apoiarem em sua casa, no início da Graduação. Meus eternos agradecimentos!

Ao Projeto Pré-Vestibular Cooperativo de Paracuru, em especial, aos amigos facilitadores. Com certeza, foi uma experiência positiva para meu “crescimento” na Universidade. Somos a história de Paracuru!

À amiga Adrienne, com quem compartilhei o mundo acadêmico e debati sobre Educação. Simplesmente LÍDER!

À amiga Moana, pela amizade construída e pela atenção durante os momentos de conversas e de descanso na Xerox da FACED. Obrigada, amiga!

Às eternas amigas da Universidade, pela amizade, força e angústias compartilhadas nas disciplinas e além dos espaços da Universidade. Tudo vai dar certo!

Às professoras, à direção e às famílias da Instituição pesquisada, que foram bastante receptivos, colaborando para a concretização desta pesquisa. Desfrutem da oportunidade!

À professora doutora Silvia Helena Vieira Cruz, pelos momentos de orientação, compreensão e competência na elaboração desse trabalho. Educação Infantil: um pedacinho da sua vida!

Ao professor doutor João Vianney Campos de Mesquita, pela correção do texto, colaborando para o sucesso deste trabalho. Obrigada, pelo incentivo!

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...]. Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar que ela acontece [...]; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. (BRANDÃO, 1981, P.7).

## RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a visão das professoras, do núcleo gestor e das famílias sobre a relação família e escola na Educação Infantil. O trabalho tem cunho qualitativo e trata-se de um estudo de caso. Foram realizadas entrevistas com as famílias das crianças, as professoras da Educação Infantil e a coordenadora pedagógica de uma instituição da rede pública de um município do litoral do Estado. As professoras e as famílias ressaltam que o papel da família diante do objetivo da Educação Infantil é acompanhar a educação da criança em casa, incentivá-la e comparecer à escola. Para as famílias e as professoras, a importância da relação entre a família e a escola está no diálogo entre pais, mães e professoras, visto que subsidiará o conhecimento, por parte dos pais, das aprendizagens e comportamentos da criança, assim como a decisão de ações educativas comuns e adequadas à educação da criança, por exemplos. Famílias e professoras entrevistadas consideram que o professor de Educação Infantil precisa ter habilidades para lidar com os pais, mantendo-os informados sobre a criança e a escola e, portanto, assegurar uma relação confiável. As famílias, as professoras e a coordenadora pedagógica acreditam que é possível a relação entre a família e a escola; porém, as famílias e as professoras falam que precisa haver disponibilidade dessas instituições, iniciativa por parte da escola e confiança entre pais e escola. Dentre as possibilidades de relacionamento com as famílias, as reuniões, as festas comemorativas e o contato com os pais em sala de aula durante a entrada e saída da criança aparecem com maior frequência nas falas das famílias, das professoras e da coordenadora pedagógica. Segundo as famílias e as professoras, o acesso das famílias ao interior da escola, assim como a atuação da direção ante o trabalho com as famílias, são alguns fatores que influenciam uma boa relação entre a escola e a família. Elas ainda destacam o que dificulta essa relação, citando, por exemplo, a formalidade das reuniões, a ausência da família na escola e o despreparo do professor de Educação Infantil. Como sugestões para um trabalho com as famílias, estas e as professoras apostam nas atividades em que possam participar juntas com as crianças, afirmando uma relação mútua e cooperativa entre família e escola. Algumas dessas sugestões revelam, na verdade, um interesse e um desejo de concretização delas na escola pesquisada. Conclui-se que, para uma boa relação entre a família e a escola na Educação Infantil, a instituição escolar precisa pensar em possibilidades de maior contato e comunicação com os pais das crianças, além de manter canais abertos para o diálogo e, possivelmente, para a troca de informações e ideias entre professores e famílias. Constatou-se que, na opinião das famílias, a relação entre família e escola e a boa qualidade da educação oferecida às crianças são interdependentes. É importante que essas instituições estabeleçam uma relação mútua, assim como práticas educativas comuns que venham minimizar as discrepâncias entre a educação familiar e escolar. É preciso que a escola priorize a comunicação com as famílias, incluído-as em suas decisões, inclusive, valorize os saberes diversificados dos pais, colaborando para uma educação de qualidade oferecida às crianças.

**Palavras-chaves:** Educação Infantil. Relação família e escola.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
<b>2 A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>18</b>
<b>3 A VISÃO DAS FAMÍLIAS SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>29</b>
<b>4 A VISÃO DAS PROFESSORAS E DA COORDENADORA PEDAGÓGICA SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>50</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICE A – FICHA DE CADASTRO DAS FAMÍLIAS .....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS .....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS E O NÚCLEO GESTOR .....</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

A Educação Infantil como primeira etapa da educação básica tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social (BRASIL–1996). Ante esse objetivo, compete à instituição escolar apoiar as crianças em suas necessidades específicas e oferecer um espaço educativo adequado ao desenvolvimento e à aprendizagem. Também vale ressaltar que esse apoio não cabe somente à escola, uma vez que a família tem papel importante na educação das crianças. Sendo assim, a Educação Infantil assume a função educativa e também social em ajudar a família a educar seus filhos. A escola, de acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação, é um complemento da ação da família e da comunidade (BRASIL–1996). Por essa razão, ultimamente a Educação Infantil busca estabelecer com as famílias das crianças uma relação colaborativa a fim de compartilharem suas práticas educativas, o que influenciará no desenvolvimento pleno da criança.

Com efeito, este trabalho tem o objetivo de analisar a visão das educadoras, do núcleo gestor e das famílias sobre a relação família e escola na Educação Infantil, visto que nesta etapa educativa ela está mais presente. Além disso, essas instituições educativas são essenciais para o processo de formação da criança e, por isso, precisam tratar de assuntos comuns, e até mesmo específicos, em relação a capacidades e habilidades adquiridas na Educação Infantil. Sendo assim, proporciona à família e à escola maior entendimento e também definição de suas funções educativas, garantindo que ambas as instituições tenham objetivos comuns a educação da criança.

A relação família e escola na Educação Infantil é reconhecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) nos artigos 4º e 55º e também pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) nos artigos 1º, 2º, 6º e 12º, portanto, é um direito que devemos assegurar às crianças. Nesse caso, cabe à escola buscar uma parceria com as famílias e estabelecer uma relação horizontal em que haja uma comunicação mútua, ou seja, pais, professores e direção tenham espaços e momentos para discussão e trocas de informação e ideias a respeito da educação da criança e também da escola. É importante ressaltar que essa relação é uma característica da Educação Infantil e que faz parte da profissionalidade do

professor de crianças e, portanto, é um fator positivo na educação da criança e influenciador na qualidade da Educação Infantil.

A formação profissional adequada do professor de Educação Infantil é uma das garantias de uma educação de qualidade às crianças, e também a segurança de um bom relacionamento entre pais e professores. Infelizmente, porém, algumas temáticas importantes na Educação Infantil, como é o caso da relação família e escola, ainda não dispõem de um espaço na grade curricular dos cursos de Pedagogia, ou seja, essa temática, quando não é discutida de forma esporádica, podemos dizer, é esquecida no meio acadêmico. Vale ressaltar que se a formação mínima, na modalidade de magistério, não basta para ação em sala de aula, tampouco para manter uma relação com as famílias das crianças, visto que nesse contato os professores precisam de competências e de saberes que incluam o respeito e a valorização pelo que as mães e os pais têm a contribuir.

A relação entre escola e família representa ao mesmo tempo um desejo e um desafio para essas instituições educativas em vista de sua complexidade e realidade distintas. A parceria entre família e escola é propiciadora de relações dialógicas entre professores, crianças e famílias, inclusive, de renovação da escola. É por isso que somente pensar na relação família e escola não é suficiente, mas requer que pais e escola, coletivamente, acreditem, promovam discussões e outros momentos de envolvimento durante o ano letivo.

Com origem na constatação de que não há uma consciência muito clara da importância da parceria entre a escola e a família, assim como uma prática consistente nas instituições de Educação Infantil, é grande o interesse em abordar e entender melhor esse tema neste trabalho. Com certeza, porém, nas linhas gerais do ensaio está o desejo em ver a escola como espaço de convivência entre educadores, crianças e famílias. Acreditamos que essa relação deve acontecer com a participação de todos os envolvidos com o processo educativo da criança, superando a ideia de que na Educação Infantil essa relação acontece apenas na entrada e saída da escola. Então, à escola compete estabelecer possibilidades de contato com as famílias e a estas aceitar e compreender que esse trabalho é uma via de mão dupla.

No primeiro capítulo deste trabalho, é apresentada a opção metodológica. Nesse caso, uma pesquisa qualitativa com base em entrevistas. Em seguida, no módulo segundo, a base teórica traz as contribuições de alguns autores e autoras que tratam das relações entre a escola e a família na Educação Infantil. Os demais segmentos correspondem aos resultados, os quais revelam a visão das famílias, do núcleo gestor (representado pela coordenadora pedagógica) e

das professoras sobre a relação família e escola na Educação Infantil, incluindo o módulo das considerações finais (cap. 6).

Enfim, a relação família e escola na Educação Infantil é abordada neste trabalho como fonte de conhecimento e reflexão para educadores, famílias e comunidades interessados em ver essas instituições aliadas em prol da Educação Infantil.

## 1 METODOLOGIA

Este ensaio possui um caráter qualitativo e trata-se de um estudo de caso. Optamos por esse método por considerar que ele envolve mais dados descritivos e proporciona contato direto do pesquisador com a situação estudada, dando ênfase a perspectivas dos entrevistados. Também permite, no entanto, expor as peculiaridades do pesquisador, superando uma posição de neutralidade científica (BOGDAN e BIKLEN, 1982, apud LUDKE e ANDRÉ, 1986).

O estudo de caso aborda um exame simples e específico ou complexo e abstrato de determinado tema. Em qualquer situação dessas, ele visa à descoberta de novos elementos à medida que se desenvolve e o pesquisador terá acesso a uma variedade de informações, tendo oportunidade de interpretá-las (LUDKE E ANDRÉ, 1986). O estudo de caso “implica um proceso de indagación que se caracteriza por el examen detallado, comprehensivo, sistemático y em profundidad del caso objeto de interés”. (GARCIA JIMENEZ, 1991, apud GÓMEZ et al., 1999, p.92).

De todas as características da pesquisa qualitativa e/ou estudo de caso, vale destacar o fato de que pretendemos dar oportunidades para as famílias, as professoras e o núcleo gestor se expressarem sobre a relação família e escola na Educação Infantil, com o intuito de compreender tal temática com suporte em visões diferenciadas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas, estas consideradas uma “poderosa arma de comunicação” entre entrevistador e entrevistado. Sobre esta característica Ludke e André (1986, p.33-34) ressaltam:

Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de questionário ou de técnicas projetivas, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde [...] Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

Além de proporcionar uma relação horizontal entre pesquisador e pesquisado, a entrevista também possui outras vantagens, como a captação imediata da informação, o aprofundamento de aspectos de maior interesse pelo pesquisador, além de permitir a interação com diferentes pessoas, inclusive com aquelas com pouca instrução formal. No caso desta pesquisa, mediante a entrevista, foi possível ter contato com as famílias das crianças com escolaridade de ensino fundamental incompleto.

Neste experimento pedagógico-acadêmico, foram realizadas entrevistas semi estruturadas baseadas em roteiros de perguntas diferentes para cada segmento. É importante destacar o fato de que, com os entrevistados, houve grande flexibilidade, contribuindo para que as informações fluíssem livremente. O registro das entrevistas se deu por via de anotações; o que, de acordo com Ludke e André (1986), requer do pesquisador bastante atenção e esforço, além do tempo para a transcrição. Nesse momento da entrevista, a maneira de fazer as anotações é bem particular de cada pesquisador, “podendo perfeitamente ser encontrada a partir de um acordo com o próprio entrevistado”. (P.37). Assim, se efetivou neste trabalho quando, junto com os entrevistados, foi decidido destacar os pontos principais de suas falas, dando relevância aos aspectos com maior ênfase. Além da tamanha dedicação na hora da entrevista em dar atenção, ao mesmo tempo à fala dos entrevistados e ao registro dos discursos, também foi indispensável o tempo disponível após as entrevistas, pois, como declaram Ludke e André (1986, p.37-38),

É indispensável que o entrevistador disponha de tempo, logo depois de finda a entrevista, para preencher os claros deixados nas anotações, enquanto a memória ainda está quente. Se deixar passar muito tempo, certamente será traído por ela, perdendo aspectos importantes da entrevista que lhe custou tanto esforço.

Outra fonte de informação deste trabalho foi a análise documental. De acordo com Guba e Lincoln (1981, apud LUDKE e ANDRÉ, 1986) o uso de documentos “nunca deve ser ignorada”, pois estes trazem informações contextualizadas. Também podem fundamentar afirmações do pesquisador e dos entrevistados, complementando as informações adquiridas de outras técnicas de coletas. Das situações de uso dos documentos, Holsti (1969, apud LUDKE e ANDRÉ, 1986) ressalta que: “se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de coleta, como, por exemplo, a entrevista, o questionário ou a observação”. (P.39). No caso desta pesquisa, analisamos o Projeto Político - Pedagógico – PPP da instituição

pesquisada, uma lei municipal e o projeto elaborado pela Secretaria de Educação, que abordam a relação família e escola na educação básica do Município *lócus* da investigação.

Tendo como interesse pesquisar sobre a relação família e escola e, para melhor compreensão, partir de uma realidade que já mantém uma iniciativa com as famílias, o campo de investigação desta pesquisa foi numa instituição da rede pública de um município do litoral do Ceará, que tem realizado um trabalho coletivo e de aproximação com as famílias de seus educandos.

De acordo com o Projeto Político - Pedagógico da instituição pesquisada, uma de suas ações educativas é *“estabelecer um elo de relação entre a escola e a comunidade de modo que haja um envolvimento participativo dos pais no processo de ensino-aprendizagem dos filhos”*, o que para isso apresenta como estratégia bimestral e anual a realização de reunião com núcleo gestor, professores, pais e alunos; realização de campeonato esportivo e a interação dos pais nas festas de datas comemorativas. Ainda destaca o fato de que *“trabalha em parceria com o Conselho Escolar, família, comunidade escolar e a sociedade, visando à formação do cidadão”*. Por isso um de seus objetivos específicos é *“mostrar que o trabalho individual deve dar lugar ao trabalho em equipe no qual participam também pais e comunidade em geral”*.

O Município, por intermédio da Secretaria de Educação, possui um projeto o qual *“tem por finalidade unir os pontos possíveis dessas duas instituições e na medida do possível trabalhar de forma sistêmica a relação família-escola, por meio de ações que vão da informação e sensibilização do corpo escolar as ações de empoderamento dos grupos familiares”*. Foi instituído no ano letivo o Dia da Família na Escola, no qual as instituições educativas municipais se mobilizam junto às famílias por meio de oficinas nas escolas e uma passeata nas principais ruas da Sede do Município com o intuito de envolver toda a comunidade.

A instituição investigada está localizada num bairro central e, de acordo com o seu PPP, foi criada em razão da necessidade da comunidade em possuir uma instituição de ensino que atendesse as crianças da localidade e de bairros vizinhos. Esta foi fundada no ano de 1988 com apenas uma turma de Educação Infantil, que funcionava na capela de Santana. Atualmente abrange tanto a Educação Infantil como o Ensino Fundamental, atendendo a crianças pertencentes à classe média. Na Educação Infantil, etapa de nosso interesse nesta pesquisa atende a 99 crianças agrupadas em três turmas, as quais se denominam Nível I (30

crianças – três anos), Nível II (33 crianças – quatro anos) e Nível III (36 crianças – cinco anos), funcionando no turno manhã de 7 às 11 horas. Para cada turma de Educação Infantil há duas professoras atuando diariamente com as crianças.

Em decorrência da sensibilização a respeito da relação família e escola, já existente no *locus* pesquisado, este se mostrou bastante interessado em colaborar com o trabalho, reconhecendo que seria uma grande contribuição também para a escola. Na primeira conversa com a diretora, foi possível, com a formalidade, fazer a apresentação do pré-projeto, enfatizando os objetivos, o instrumento a ser utilizado e quem seriam os membros da busca. Falar desses pontos, no primeiro encontro, foi fundamental para a permanência nessa escola, pois a diretora viu que se tratava de um trabalho sério e grandioso, no entanto, precisaria da dedicação e colaboração da escola em dar oportunidades de contato com as professoras, o núcleo gestor e as famílias das crianças, os quais foram os entrevistados deste trabalho.

As famílias das crianças foram determinadas mediante sorteio, a fim de compor uma amostra de 15% a 20%. Este aconteceu no dia da socialização dos portfólios das crianças e encerramento do semestre com a festinha junina. Em cada turma de Educação Infantil houve breve apresentação (para as mães, os pais e as professoras) da temática e dos objetivos desta pesquisa, e, ao mesmo tempo, deixamos clara a importância de sua participação e que esta não era obrigatória. Por meio de uma numeração e, em seguida, o nome da criança, as famílias se identificavam dizendo sim ou não sobre a sua colaboração. Nesse dia, foi sorteado um número maior de famílias do que o desejado para a investigação, considerando as possíveis dificuldades (localização do endereço e a desistência posterior das famílias) nos encontros durante a efetivação das entrevistas. Após o sorteio, as famílias se dirigiram ao pátio da escola para efetuar o cadastro (ver em apêndice A), este indispensável para o contato posterior com as famílias. No geral, foram 14 famílias entrevistadas, sendo três de crianças do nível I, cinco famílias de crianças do nível II e seis famílias de crianças do nível III. Vale ressaltar que a maioria dos entrevistados foi composta por mães, e que somente um pai respondeu às indagações; e, também, um pai e uma mãe se disponibilizaram a responder juntos.

É importante destacar que a entrevista com as famílias aconteceu em suas casas. Considerando os dias da semana e os turnos indicados como mais favoráveis pelas famílias, foi elaborado um cronograma de entrevistas. Para garantir a melhor participação, um dia antes da entrevista foi feito um telefonema para confirmação. Novamente a organização foi o segredo e colaboração para o sucesso. De todas as famílias agendadas, somente com uma das

mães não foi possível realizar a entrevista. A maioria delas aconteceu no período da tarde e durante a semana; somente uma das mães pôde responder à noite e outra durante o final de semana. Foram dedicadas duas semanas para a realização dessas entrevistas, de 06 de julho a 14 de julho de 2010.

A ida às casas das famílias foi bastante gratificante apesar do sol escaldante, pois sempre nos deslocávamos a pé, de bicicleta ou moto táxi. As mães e os pais estavam esperando e disponíveis, naquele momento, para a entrevista mostrando-se satisfeitos em ajudar a escola e também nos ajudar. Antes de iniciar as perguntas do roteiro, novamente, dizíamos do que tratava a pesquisa e dávamos alguns esclarecimentos, como preservação da identidade da criança e do entrevistado<sup>1</sup> e, principalmente, que a instituição escolar não teria acesso às entrevistas individualizadas, mas que gostaríamos de presentear a escola com uma impressão do trabalho completo. Isso foi essencial para eles, uma vez que se sentiram com autonomia e liberdade para opinar. Também as crianças demonstraram, em alguns momentos, curiosidade e carinho. Duas meninas chamaram bastante atenção em virtude da recepção distinta; de uma, ganhamos uma rosa vermelha linda, e de outra, pedrinhas em nossa direção, enquanto sua mãe vinha nos atender.

As seis professoras da Educação Infantil participaram da pesquisa. Uma professora do nível I possui a formação mínima na modalidade Normal, duas estão cursando o Ensino Superior, nos cursos de Pedagogia e Letras – licenciatura e três professoras dos níveis II e III possuem o Ensino Superior completo. Estas compõem o quadro docente efetivo de Educação Infantil da Secretaria de Educação mediante concurso público municipal. Das entrevistas com as professoras, quatro aconteceram na própria instituição, no período de aula, com as crianças (turno manhã). Durante a entrevista, ficava uma professora em sala de aula e quando possível, alguém do núcleo gestor, assim, não prejudicando as atividades previstas com as crianças naquele dia. Em razão de ser possível realizar somente duas entrevistas por turno – e isso iria estender os encontros – tivemos a colaboração das professoras do nível I. Uma delas se disponibilizou à tarde na escola e a outra optou por sua residência (vizinha da escola), também à tarde. Esses encontros aconteceram nas sextas-feiras, oportunidade em que a escola disponibilizou um espaço não muito silencioso, mas aconchegante; uma mesa com cadeiras; e, no intervalo, sempre havia lanche. Esse cuidado serviu para que ficássemos à vontade e firmar um bom relacionamento entre pesquisador e entrevistados. Assim como ocorreu com

---

<sup>1</sup> Para identificação das falas dos entrevistados utilizamos nomes fictícios.

as professoras, a coordenadora pedagógica também respondeu o roteiro da entrevista. Também as informações iniciais repassadas para as famílias entrevistadas foram ditas para as professoras, assegurando que não seriam identificadas, portanto, foram atribuídos nomes fictícios aos entrevistados. É bom destacar que o trabalho envolveu toda a escola, pois geralmente outros profissionais, e também mães e educandos do ensino fundamental, perguntavam sobre a investigação.

A realização da entrevista levou entre uma hora e meia e duas horas para sua conclusão. Como registro das falas dos entrevistados, somente foi possível fazer anotações porque a câmera digital não suportou o tempo necessário e o gravador disponível apresentou defeito. Com a colaboração, porém, das famílias, das professoras e da coordenadora pedagógica, fizemos anotações de suas falas e, nesse momento, procuramos a máxima fidelidade com suas revelações.

O primeiro momento do trabalho foi muito prazeroso, pela aceitação das famílias e da escola. Com certeza, durante a entrevista fomos muitos felizes – as famílias e as professoras, às vezes tão pouco ou quase nunca ouvidas, puderam sentir-se “celebridades” e colaboradores da educação. Sem dúvidas, foi uma oportunidade de conhecer um pouco a realidade do Município, e também da escola pesquisada, com base na situação social de cada família. Então, tudo o que as famílias, as professoras e a coordenadora pedagógica falam nesta pesquisa nos leva a crer mais ainda na relação família e escola como propiciadora de uma educação de qualidade.

O segundo momento aconteceu com a análise de dados, o que implicou a organização de todo o material, em seguida, a identificação de tendências e padrões relevantes a serem abordados. Certamente, durante a coleta de dados, várias análises, mesmo que de forma breve, foram realizadas, tornando-as mais formais após o encerramento da coleta de dados. (LUDKE e ANDRÉ, 1986). A descrição e a análise das informações coletadas, assim como a fundamentação teórica, são partes que requerem bastante dedicação do pesquisador, qualidade esta essencial também para a efetivação deste trabalho. Nessa fase, percebemos como a pesquisa qualitativa dá autonomia e liberdade ao pesquisador, porquanto é possível interligar as informações diversas dos entrevistados, formulando um pensamento concreto a respeito do assunto de interesse e, por sua vez, mostrar de forma geral a visão das famílias, do núcleo gestor e das professoras, sendo possível realizar também algumas comparações necessárias no decorrer da apresentação dos resultados.

## 2 A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante muito tempo, a educação da criança era responsabilidade somente da família, e a instituição escolar, em consequência da péssima qualidade no atendimento e de caráter assistencialista, era tida como “mal necessário”. Com as mudanças de atitudes das famílias para com as crianças, assim como a abertura política em discutir a Educação Infantil como uma das etapas da educação básica, as instituições vêm superando paulatinamente a herança de “mal necessário” e assumem o cuidado e a educação como direito da criança, dever do Estado e da família. Sendo assim, as instituições de Educação Infantil passam de assistencialistas, fechadas à participação das famílias, para uma ação democrática, as quais compartilham o cuidado e a educação com a família e com a comunidade, como é declarado na Constituição Federal de 1998 (VITÓRIA, 1983).

De acordo com o art.1º da Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Considerando que a educação não acontece de forma isolada nesses contextos socioculturais, os quais são responsáveis pela formação da criança, proporcionando-lhe experiências diversificadas em espaços educativos e com pessoas diferentes, é que abordaremos a relação família e escola como fator importante na Educação Infantil.

O debate sobre essa relação ocorreu com uma série de discussões com início na década de 1980, estas ligadas às instituições que não proporcionavam o contato entre mães e educadoras das crianças. Vários aspectos eram questionados:

[...] caráter autoritário; a falta de transparência no trabalho; o sofrimento e a queda de produtividade no trabalho das mães, quando desconhecem as condições de atendimento a seus filhos; a grande frequência de queixas entre mães e educadoras; a impossibilidade de se tratar os conflitos decorrentes dessas queixas; e as manifestações no comportamento das crianças como reflexo das relações mal

resolvidas. (ROSEMBERG, 1983; HADDAD, 1991 apud VITÓRIA, 1999, p.38-39).

Hoje, encontramos instituições de Educação Infantil abertas, mais ou menos abertas e totalmente fechadas à participação das famílias. Independentemente de qualquer uma dessas realidades, estudiosos e até mesmo pessoas leigas reconhecem a necessidade que a escola e a família sentem em compartilhar suas funções educativas. Diante da corresponsabilidade com a educação das crianças, a família e a escola devem estabelecer uma sintonia e, portanto, unir-se nas decisões educativas para que estas se tornem benéficas à aprendizagem das crianças.

É importante ressaltar que a relação entre a família e a escola, antes de qualquer ação individual ou coletiva por parte dos interessados, está vinculada às representações sociais a respeito das funções educativas direcionadas às instituições familiar e escolar (VITÓRIA, 1999). Por outro lado, essa relação

[...] varia conforme as situações, os sistemas, as tradições, a representação feita do papel da coletividade em relação à família e à criança, [...] o poder que os pais podem exercer na creche ou pré-escola depende de suas expectativas, representações sociais e experiência pessoal de escolarização, que, por sua vez, derivam de seu nível social. (OLIVEIRA, 2002, p.177).

A mesma autora ainda destaca que “para trabalhar de modo produtivo no estabelecimento de uma aproximação com as famílias, os professores de creches e pré-escolas devem considerar que a família nuclear típica da cultura burguesa não é, hoje, a única referência existente”. (P.176). Haddad (in MACHADO, 2002, p.93) ressalta que com as novas formas heterogêneas de famílias,

[...] as instituições de cuidado e educação infantil tem sido apontadas como uma das medidas mais efetivas para conciliar responsabilidades familiares [...] apoiando a família no seu papel parental, [...] o cuidado e a socialização da criança pequena é uma tarefa a ser compartilhada entre família e poder público.

Ante a diversidade que cerca o ambiente familiar e escolar, é preciso que pais e educadores da Educação Infantil tenham uma visão construtiva acerca da infância e da

Educação Infantil. Também é indispensável que as instituições educativas tenham autonomia ao decidir sobre a parceria e as ações escolares que deverão desenvolver juntas para que a relação aconteça, sendo esta um desejo tanto da escola como da família. Para um trabalho colaborativo entre a escola, as crianças e as famílias,

A relação entre família e escola de Educação Infantil deve ser entendida como exercício de aceitação de diferenças. É um aprendizado contínuo, tanto para pais e mães, quanto para professores, no sentido de entenderem e perceberem que todos têm o direito de se posicionar e opinar sobre a educação, mas também devem procurar estar abertos para assimilar novos conhecimentos. Se há uma compreensão das diferenças entre as duas instituições e uma busca de acordos, escola e família se tornam aliados. De todo modo, sempre será trabalhoso entendimento e negociação entre família e escola. (AHNERT; LAMB, 2003; OLIVEIRA, et al, 2001 apud ABUCHAIM, 2006, p.140).

Escola e família são contextos educativos diferentes, com papéis específicos na educação da criança, no entanto,

[...] compartilham muitas funções educativas que buscam a socialização em determinados valores, a promoção das capacidades cognitivas, motoras, de equilíbrio pessoal, de relação interpessoal e de inserção social, e compartilham, também, o cuidado e o bem-estar físico e psíquico, não perdendo de vista que ambos têm a responsabilidade de apoiar o que é feito no outro contexto e favorecer o desenvolvimento da criança. (BASSEDAS et al., 1999, p.283).

Bassedas et al (1999, p.283) ainda ressaltam situações em que a criança se expõe a vivenciar somente em um dos contextos educativos, como, por exemplo, discutir com outra criança a posse de um objeto; e outra situação é assistir à televisão, por isso vê a escola como uma ampliação do meio da criança, na qual “pode aceder a novas relações, a novas emoções e a novos conhecimentos”. Para esses autores as divergências entre a ação familiar e escolar precisam ser superadas, mas faz-se necessário os progenitores procurarem espaços em que suas ideias e expectativas sejam mais ou menos semelhantes e que as escolas estejam abertas para mostrar sua verdadeira realidade.

Com o objetivo de compartilhar a ação educativa, a relação família e escola na Educação Infantil favorece conhecer a criança, definir modelos de intervenção e relação com as crianças, assim como saber a função educativa da escola. Na educação das crianças, é

preciso considerar as particularidades, saber como são as crianças, os ritmos, as relações que estabelecem com outras pessoas, o que é interesse ou não delas. Essas informações devem transitar entre pais e educadores, a fim de ensiná-los a ver a criança de maneira diferente. O contato com a escola também permite aos pais que vejam a atuação das crianças e, então, modificar suas ações educativas em casa com base nos novos modelos e combinação com os educadores, sendo essa participação “tremendamente eficaz” ao desenvolvimento da criança (BASSEDAS et al, 1999).

Conhecer a etapa de Educação Infantil, sem dúvidas, é um dever da escola e também da família. Na perspectiva de Oliveira (2002, p.181), “os pais precisam conhecer e discutir os objetivos da proposta pedagógica e os meios organizados para atingi-los, além de trocar opiniões sobre como o cotidiano escolar se liga a esse plano”. Bassedas et al (1999, p.290) chamam atenção para o fato de que as famílias precisam conhecer o que se faz na escola, contribuindo para que valorizem as atividades escolares, visto que

[...] algumas famílias somente considerem que o seu filho ou a sua filha “trabalham” quando levam papéis com registro para casa; pode ser que algumas não saibam que recolher os brinquedos seja um objetivo educativo igual a aprender a escrever o próprio nome ou observar e registrar o crescimento de um pezinho de feijão.

De maneira geral, a boa relação família e escola favorece aos pais e mães a compreensão, o aceitar e a valorização da tarefa educativa da escola. Também contribui para que educadores valorizem e respeitem os saberes dos pais das crianças, pois “alguns professores negam a importância da contribuição familiar para a educação das crianças excluindo-as da vida escolar [...]”, enquanto outros aprendem a usar essa relação como continuidade do seu trabalho em sala de aula (SPODEK e SARACHO, 1998, P.167-168). Esses autores ainda ressaltam:

Os pais têm sido tradicionalmente, mantidos fora das posições de tomada de decisão nas escolas, sendo informados, ouvidos, tranquilizados e orientados nas reuniões com os professores, mas raramente vistos como fonte de decisões quanto procedimentos de sala de aula.

Spaggiari (In: EDWARDS et al., 1999, p.110) reconhece que ideias e habilidades das famílias das crianças, assim como a troca de ideias entre pais e professores, favorecem a prática educativa em sala de aula. Para ele, os professores assumem novas atitudes perante o trabalho com as famílias e passam a “ver a participação das famílias não como ameaça, mas como elemento intrínseco de companheirismo e como a integração de diferentes conhecimentos”. Desse modo, a participação das famílias na escola deve acontecer da maneira mais ativa e se estender aos processos de organização escolar, como o Projeto Político - Pedagógico, o planejamento, o currículo, a avaliação, a metodologia e o Conselho Escolar. É necessário que a instituição escolar esteja aberta para críticas, reclamações e sugestões das famílias, principalmente, vê-las como sendo oportunidades de crescimento e aperfeiçoamento do trabalho com as famílias.

Para tanto, é necessário que essas instituições educativas - família e escola - apostem numa parceria dialógica, pois “a comunicação é a base de tudo o que pode ser criado de positivo nas relações pais-escola [...]. A participação das famílias na escola só é possível quando existem canais de comunicação abertos, que permitam a troca contínua de informações e ideias”. (ABUCHAIM, 2006, p.140). De acordo com Corrêa (2003, apud ABUCHAIM, 2006) é fundamental entre a escola e a família haver uma coerência de mensagens repassadas às crianças e que para isso o diálogo é imprescindível. Desse modo,

A troca de informações e de ideias entre família e escola é essencial, na minha opinião, para que a criança possa integrar no ambiente escolar, de modo favorável, e para que os pais possam estabelecer com a escola um vínculo de confiança. A intervenção dos pais e mães deve ser percebida pela escola como um fator que pode auxiliar na melhoria do trabalho desenvolvido. Deve haver um espaço não apenas para fazer críticas ou sugestões, mas para que realmente a educação seja encarada de modo cooperativo. (ABUCHAIM, 2006, p. 22).

Na relação professores e família, o principal papel de ambos é buscar uma relação dialógica para compartilhar informações e ideias a respeito do crescimento e desenvolvimento da criança. Para essa comunicação acontecer, muitas vezes, há dificuldades, como “estar à espera de que o outro dê o primeiro passo”. Acerca de quem deve partir a comunicação, Bonomi (In: BONDIOLI e MANTOVANI, 1998, p.167) destaca:

É essa uma posição assumida reciprocamente que cria uma espécie de bloqueio da comunicação. Às vezes, é percebida até nas saudações: “quem deve cumprimentar primeiro?”. Mas sobretudo: é dever da educadora contar ao pai como foi o dia da criança ou cabe ao pai perguntar? É paradoxal como algumas vezes pais e educadores, ambos insatisfeitos com essa instituição, permaneçam por muito tempo nessa atitude, sem conseguir explicitar as próprias expectativas ou tomar iniciativas que encorajem, no outro, a comunicação.

Vale ressaltar que “o envolvimento dos pais e mães acontece, à medida que a escola abre possibilidade para a presença das famílias em seu interior”. (ABUCHAIM, 2006, p.135). Nesse caso, “A escola deve ter claro que um relacionamento positivo com a família é algo constantemente conquistado, e que é responsabilidade sua dar o primeiro passo, estabelecendo possibilidades de participação”. (OLIVEIRA, 1999; OLIVEIRA et Allii, 2001 apud ABUCHAIM, 2006, p.135).

É importante que pais e professores tomem iniciativas de estabelecer comunicação, de acordo com as necessidades, as contribuições e dúvidas que venham surgir diariamente a respeito da criança e também da escola. É desejável que nesse relacionamento seja superada a ambivalência na comunicação e, principalmente, a comunicação comportamental das famílias, enfim, assumir atitudes, experiências que facilitam o diálogo entre pais e professores (BONOMI In: BONDIOLI e MANTOVANI, 1998).

Desse modo, a relação família e escola na Educação Infantil assume importância na educação das crianças, melhora a comunicação entre os envolvidos no ensino-aprendizagem, favorece a compreensão da família acerca dos objetivos da Educação Infantil, uma vez que auxilia o desenvolvimento das crianças, o processo educacional e a própria atuação do professor (BHERRING; SRAJ-BLATCHFORD, 1999; CARVALHO, 2000; 2004; OLIVEIRA, 1999; OLIVEIRA et allii, 2001 apud ABUCHAIM, 2006).

Outro fator importante na relação família e escola refere-se à formação do professor de Educação Infantil, que, segundo Oliveira (2002, p.181), é um obstáculo para a relação produtiva entre a instituição educacional e a família, pois geralmente as teorias discutidas na formação profissional dos docentes são descontextualizadas de suas experiências sociais e familiares. Como aspecto de qualidade da educação oferecida às crianças, também a formação do professor de Educação Infantil é uma condição essencial ao contato com as famílias das crianças, pois requer dele “habilidades para lidar com as ansiedades da família e partilhar

decisões e ações com ela”, tendo como base tanto os conhecimentos teóricos como aqueles constituídos no cotidiano escolar.

Como acentuam Spodek e Saracho (1998), na relação com as famílias das crianças, é necessário que os professores de Educação Infantil entendam as próprias expectativas com relação aos pais e o ponto de vistas destes. É preciso também que os professores revejam constantemente suas atitudes com os pais, inclusive, se está sendo respeitada a diversidade entre eles e/ou se fazem uso de uma linguagem adequada durante a comunicação. Ainda é preciso que professores tenham apoio de outros professores, de profissionais e das próprias famílias. Com os pais, os professores precisam buscar estabelecer uma relação mútua, na intenção de que estes se acham capazes de lidar com a educação de seus filhos. É importante, ainda, definir seu papel no trabalho com as famílias, como informar e orientar os pais; dar apoio emocional; disponibilizar modelos de conduta e encaminhamento (GALINSKY, 1998, apud SPODEK e SARACHO, 1998).

Bassedas et al (1999) assinalam que a relação afetiva entre crianças e professoras é a base que sustenta as aprendizagens nessa etapa da educação. Dessa mesma forma, acreditamos que a relação dialógica e afetiva entre professores e famílias seja o substrato para a educação das crianças, pois, como esses mesmos autores evidenciam, “o objetivo prioritário da colaboração entre professores e pais é o de ajudar a desenvolver todas as capacidades das crianças”. (P.64). Por esse motivo, um bom relacionamento, incluindo uma boa comunicação entre família e professores é muito importante na Educação Infantil.

Certamente a relação entre família e escola não obedece a regras, visto que floresce no relacionamento diário entre crianças, professores e famílias, quando são disponibilizadas oportunidades de contato no interior e/ou exterior das salas de aulas. Vale considerar que o desenvolvimento desta relação ocorre dentre as situações que surgem durante os momentos de comunicação, de compreensão, de respeito, de estímulos às capacidades, tanto dos professores como dos pais.

Em decorrência da responsabilidade da instituição educativa ante o trabalho com as famílias, os professores, a direção e até mesmo outros profissionais capazes de ajudá-los devem se apoiar nessa parceria e juntos valorizar os momentos mais comuns de contato com as famílias e, nesse caso, também ampliar os âmbitos de comunicação no interior da escola. Dentre as muitas oportunidades de interação da família com a escola algumas são mais

informais, como a entrada e a saída da escola, e outras formais, como as entrevistas e as reuniões.

Bassedas et al (1999) destacam as entrevistas como sendo uma maneira de comunicação com as famílias, as quais ocorrem na matrícula da criança ou no decorrer do ano letivo, podendo ser convocada tanto pela instituição escolar como pelo instituto familiar. Os autores expõem que a finalidade da primeira entrevista é conhecer a criança e compartilhar os objetivos da instituição, sendo uma oportunidade de garantir bases para futuras colaborações. Na entrevista, as famílias também possuem o direito de se expressarem e contribuir com novas informações e perguntas a respeito da criança e também da escola. Quanto às entrevistas solicitadas pela escola, nestas, os professores precisam ter uma razão que não necessariamente seja um problema, requerendo também, dar boas notícias sobre a criança. Em relação ao pedido das famílias, Bassedas et al (1999, p. 294-295) acentuam;

É importante sempre atender a qualquer possível pedido de entrevista por parte dos pais e das mães, ainda que a professora não a considere necessária ou urgente. Podem estar ocorrendo coisas no ambiente familiar que convenha ter conhecimento ou, simplesmente, é preciso escutar os pais que se sentem intranquilos e que querem ter mais informação sobre a situação escolar dos seus filhos.

As autoras sugerem que a instituição disponibilize um horário, um espaço e uma equipe para que os pais possam encaminhar a solicitação da entrevista, o que “contribui para dar confiança e segurança aos pais e as mães e confirmará que a escola apresenta interlocutores dispostos a conversarem com eles sobre a educação de seus filhos”. (P. 295).

É proposta por Spodek e Saracho (1998), no trabalho com as famílias, a ideia de que os professores façam planejamento antes de qualquer ação, como, por exemplo, o planejamento anual, podendo saber os momentos disponíveis para os encontros formais com as famílias como as reuniões. Ainda sugerem como técnica para trabalhar com os pais a elaboração de relatórios descritivos (individuais e às vezes coletivos, estes contendo apenas algumas informações particulares de cada criança) que comunicam aspectos qualitativos a respeito do desenvolvimento da criança; os relatórios informativos se destinam aos “avisos de atividades da escola ou da comunidade, resenhas de artigos ou livros que possam interessar aos pais, informações sobre recursos da comunidade e pedidos de materiais ou de ajuda para a sala de aula [...]”. (P.172).

Outros momentos devem ser lembrados pela instituição escolar, como as reuniões individuais, as quais “permitem aos pais e professores compartilhar informações sobre as crianças e fazer perguntas específicas com relação a áreas importantes do comportamento delas”. Às vezes com a mesma finalidade, as reuniões de pais (coletivas) são convocadas várias vezes durante o ano letivo, podendo ainda os professores discutir o programa, mostrar os trabalhos das crianças e esclarecer dúvidas dos pais. As reuniões são momentos muito importantes para a participação dos professores, pois estabelecem laços estreitos com as famílias. Também há as visitas domiciliares, contribuindo para que as famílias das crianças falem com maior liberdade do que na escola e ainda proporcionam aos professores que entrem em contato com a realidade familiar das crianças. É importante que o docente, antes de realizar as visitas, disponibilize tempo para planejar e propor horários e datas e, principalmente, avisar aos pais, evitando que a visita venha a ser um empecilho na relação entre a escola e a família (SPODEK e SARACHO, 1998, p.174).

Outra sugestão importante para o trabalho entre a escola e a família são os programas de Educação Parental. Por intermédio destes programas, os pais passam a entender mais o desenvolvimento infantil e ainda desenvolvem habilidades que os levam a enfrentar com eficiência as tarefas por eles assumidas na educação das crianças. Spodek e Saracho (1998, p.179), a seguir, exemplificam melhor esses programas de Educação Parental:

Muitos programas de educação parental ensinam aos pais habilidades específicas que vão complementar a aprendizagem intelectual e da linguagem das crianças na escola. Um programa pode incluir comportamento-modelo para os pais, como incluir as crianças nas discussões, transmitir a elas o significado das atitudes dos pais, ler histórias em voz alta para elas e oferecer atividades e materiais pedagógicos em casa. As técnicas específicas são ensinadas diretamente aos pais que depois as praticam sob supervisão. Às vezes, são emprestados *kits* de materiais para serem usados em casa com as crianças. [...] todas as crianças de uma família vão ser afetadas pelo que os pais aprendem.

A educação parental é uma grande aliada para a relação família e escola, visto que as instituições educativas, aderindo à concepção interacionista da educação, precisam compreender que o conhecimento acontece na interação com o meio, mas que, para isso, precisam tornar disponíveis à criança momentos ricos de aprendizagens, seja na escola e/ou em casa. A escola praticando a educação parental despertará o interesse e o pensamento dos pais quanto as suas intervenções educativas, e ainda contribuirá para que algumas famílias

tomem atitudes e sejam ativas em relação à educação de seus filhos, seja no acompanhamento em casa e/ou na presença e participação escolar. Spodek e Saracho (1998) ressaltam que os professores veem a educação parental como oportunidade de fazer algo para mudar os pais, porém alertam para o fato de que os pais devem também ter a chance de contribuir com os professores e com a escola. Ainda, segundo eles, “Quando não há trocas de informações, não pode haver muita crítica; à medida em que os pais conhecem mais a escola, eles farão uma crítica melhor – que se espera que seja amplamente construtiva”. (P.184).

É evidente que a relação família e escola pode ocorrer em diferentes momentos e que as instituições escolares estão cada vez mais se especializando em desenvolver novas e mais dinâmicas atividades com as famílias que venham a superar as reuniões formais e as festas comemorativas. Com atitude democrática, a instituição escolar pode organizar ações que envolvam os pais nas atividades escolares das crianças e os receba todos os dias e não somente uma ou duas vezes por ano para discutir assuntos que sejam para eles irrelevantes. Gentile (2006, p.34-35) sugere:

Convidar os responsáveis para falar sobre a profissão deles sempre que for interessante para o entendimento de conteúdos e projetos.

Chamar pais, avós ou tios para ir à escola contar histórias do passado, ler livros, ensinar uma brincadeira ou fazer um doce.

Chamar os pais não só pra comparecer, mas também para ajudar na organização de festas juninas, feira das ciências e jornadas culturais ou esportivas.

Abrir a biblioteca, o laboratório de informática e a quadra de esportes para uso dos familiares.

Promover palestras e debates que tenham como objetivo a formação dos pais, tratando de assuntos de interesse geral, como saúde, mídia, drogas, sexualidade etc.

Informar sobre mudanças na estrutura física, na organização do espaço e do tempo escolar ou na equipe pedagógica.

Distribuir lista com os nomes e contatos de todos os pais e abrir fórum na internet para que eles se conheçam e troquem informações.

É interessante dizer que envolver as famílias com a educação escolar da criança é possível sim, mas é preciso que os interessados considerem a realidade de ambas as instituições e que possam adequar as atividades de envolvimento aos interesses de cada família e escola. Um exemplo de envolvimento é o uso da internet, como expresso há pouco, mas nem sempre a escola e as famílias possuem acesso ao computador. Assim, em

substituição da internet, a escola pode usar cartazes para os pais se expressarem e, no caso de membros familiares analfabetos, ela pode planejar momentos de escuta sobre determinado tema. O que se torna importante nas maneiras de que a escola dispõe para entrar em contato com os pais das crianças é, de fato, a consideração de que a atuação e a opinião dos pais colaboram para uma qualidade do atendimento na educação das crianças (CORRÊA, 2003 apud ABUCHAIM, 2006).

Vale ressaltar que essas estratégias de encontro entre a família e a escola não se apresentam singulares, mas cabe à escola juntamente com a família buscar sempre novas ações, fortalecendo a participação ativa e a presença de pais e mães no ambiente escolar. É também importante lembrar que cumpre à escola valorizar os momentos de contato existentes em seu interior por meio do planejamento e dinamizando-os, a fim de servirem como motivação para a participação das famílias. Para tanto, é essencial uma relação consistente, afetiva e segura, que será constituída a cada conquista diária, ou seja, um bom relacionamento entre escola e família se inicia na matrícula e se prolonga a todos os momentos de colaboração. Spodek e Saracho (1998) consideram que uma instituição escolar, ao desenvolver um trabalho com as famílias, precisa ser flexível em mudar suas ações de envolvimento, adequar essas ações às necessidades dos pais, das crianças e dos programas, e, além disso, oferecer aos pais várias opções para que possam escolher, no intuito de alcançar resultados mais significativos e construtivos, tanto para a escola como para as famílias.

Portanto, a relação família e escola dever ser uma oportunidade de aprendizagens para a criança, de crescimento e mudanças para a escola e a família em relação as suas práticas educativas. Oliveira (1999, apud ABUCHAIM, 2006, p. 132) assevera que “a escola é um local privilegiado para o exercício constante de participação”, de sorte que devemos percebê-la como espaço de inclusão das crianças, das famílias e da comunidade. Abuchaim (2006, p.148) ressalta que “escola de Educação Infantil e família devem manter canais abertos para o diálogo e a reflexão”. Assevere, ainda, que “a parceria entre escola e família é percebida como um fator que traz apenas benefícios para a criança”. Sendo assim, a escola e a família devem ser consideradas aliadas na educação das crianças, ou seja, passam a complementar a ação educativa uma da outra.

### 3 A VISÃO DAS FAMÍLIAS SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança. Em decorrência do que prescreve a Lei de Diretrizes e Base da Educação - LDB (Lei 9.394/96), entendemos que essa etapa não pode ser vista apenas como espaço de instrução, mas que inclui outros aspectos ao desenvolvimento pleno da criança, como, por exemplo, a inserção social nos ambientes culturais, a diversidade de ambientes e materiais, a interação com outras pessoas.

Em razão dessa importância, vale a pena refletir juntos com os entrevistados nesta pesquisa, mesmo que seja de forma breve, os objetivos competentes à educação de crianças. As famílias apresentam diferentes objetivos, os quais podem ser agrupados em três categorias, que são: aprendizagens úteis para a escolarização posterior à Educação Infantil; a formação humana da criança; e as famílias que agregam essas duas funcionalidades para a Educação Infantil.

A primeira categoria chama atenção para as aprendizagens de leitura, de escrita e de Matemática, e, também, para o ingresso da criança na próxima etapa da educação básica. A seguir, vejamos algumas respostas colhidas durante as entrevistas:

Pra mim é aprendizagem, que servirá para o futuro e o desenvolvimento da criança. É a fase que ela adquire conhecimentos para a vida. (CÉSAR).

Para que a criança aprenda os numerais, a escrever, as brincadeiras, a ler. (PATRÍCIA).

Preparar a criança para outras etapas da educação. (CLARISSA).

Preparar as crianças para a próxima etapa da educação, que é o primeiro ano do ensino fundamental. (LÍDIA).

Essas opiniões pertencem a um grupo maior em relação às demais categorias e representam uma visão reducionista da Educação Infantil, prevalecendo a aprendizagem dos conteúdos escolares que, segundo os entrevistados, são necessários para a próxima etapa da educação básica.

As palavras, “desenvolvimento” e “brincadeiras” são citadas pelas famílias com sentido restrito, uma vez que as brincadeiras, por exemplo, são vistas como mais uma dinâmica em sala de aula e não como oportunidade de criar, de estabelecer visões diferentes do mundo e vínculos com as outras pessoas que estão à sua volta, de desenvolver a linguagem oral e gestual, de relacionar os conteúdos sociais com situações do cotidiano, valores, atitudes e os limites definidos pelas regras (BRASIL–1998, p.28).

Certamente a Educação Infantil possui uma função educativa na promoção do desenvolvimento da criança, mas reduzir esta função somente aos conteúdos escolares torna-se um problema para a educação das crianças, principalmente quando estes são transmitidos de maneira mecânica e descontextualizados. É preciso conteúdos educativos próprios para essa etapa da educação, que potencializem o desenvolvimento de várias capacidades e habilidades, com base no respeito às características próprias de cada criança.

Para Bassedas et al (1999, p.60), os conteúdos não deixam de contribuir com o desenvolvimento das crianças, pois “[...] é a partir dos conteúdos que somos capazes de desenvolver as nossas capacidades e converter-nos, gradativamente, em pessoas com mais recursos, com uma inteligência que nos permite o confronto com outras situações”. Sendo assim, não devemos aboli-los, mas considerá-los parte do currículo da Educação Infantil, apresentando-se interligados, que interessem às crianças e, principalmente, que as famílias assumam uma nova posição a respeito desta etapa da educação que não seja apenas a aprendizagem das palavras e do alfabeto, como ressalvam as autoras: “ninguém põe em dúvida, hoje, que educar não se reduz a instruir”. (P.284).

A segunda categoria de respostas dadas pelas famílias corresponde à função da Educação Infantil ligada à formação humana da criança, na qual as famílias relatam objetivos mais abrangentes e destacam expressões como “formação do caráter” e “da cidadania”, “desenvolvimento social”, “aprendizagem de limites e de comportamentos”. As mães Iracilda e Milly representam essa categoria em suas falas, respectivamente:

Acho que seja ajudar na formação do caráter, no desenvolvimento social da criança e na formação pessoal.

Acho que é a formação pessoal da criança, do caráter, da cidadania. E também servirá para a vida profissional.

Aqui, as famílias evidenciam uma perspectiva diferenciada para a Educação Infantil, dando importância para a sua influência na conquista da identidade, na aquisição de atitudes, valores e normas necessários à convivência coletiva e bem-estar social da criança, ressaltando as interações com as pessoas adultas e com as crianças nos ambientes sociais, aspectos estes fundamentais ao desenvolvimento integral infantil.

O desenvolvimento integral da criança destacado pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Básica, em seu art. 29º, compreende os aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Apesar de essas famílias não mencionarem a lei citada, tampouco declararem o conhecimento deste documento, nota-se uma consciência maior a respeito de Educação Infantil do que a primeira categoria; possivelmente elas veem a instituição educativa sendo mais dinâmica e ativa na educação da criança.

Os objetivos propostos há pouco são de responsabilidade das instituições de Educação Infantil, porém estão presentes também na instituição familiar, uma vez que escola e família complementam a função da outra. É claro que essas instituições educativas atuam e assumem funções diferentes. Conforme nos afirma Pooli (In: ROMAN e STEYER, 2001, p.100),

Tanto a escola como as famílias contribuem de maneira significativa para fornecer às crianças meios de orientação na vida social, porém, as duas agências têm papéis diferenciados nesse processo. A educação, o afeto, a socialização, o conhecimento científico e a disciplina são tratados de maneira diferenciada nesses espaços, já que eles sempre contêm uma perspectiva de continuidade e de futuro. Embora ambos tenham participação efetiva eles não trabalham da mesma forma esses temas, exatamente por serem locais diferentes com propostas distintas, e isso é muito importante para que possamos configurar a natureza dessas agências e, portanto, como elas contribuem para a formação social dos sujeitos.

Estas agências podem, no entanto, pois se configurar em contextos qualificados e com funções distintas, entretanto, as ações educativas praticadas em seu interior são direcionadas ao desenvolvimento integral da criança. Assim, como futuros educadores da Educação Infantil ou interessados em estudá-la, devemos refletir: qual a função da escola? E qual a função da família?

De maneira mais abrangente as famílias da terceira categoria apontam como objetivos da Educação Infantil tanto a aquisição de aprendizagens específicas como a educação voltada para os bons hábitos, os limites e os comportamentos, como proferem os depoimentos seguintes:

É o começo da aprendizagem da criança. Pra mim, a educação e o ensino é o principal objetivo. Não é somente aprender a ler, a escrever, também a criança aprende os limites e comportamentos. (FRANCISCA).

Ensinar a criança a ser educada, a aprender a ler e a escrever. (ADRIENE).

Educar e ensinar as crianças. (SPINOSA).

A palavra “educação”, expressa pelas famílias citadas, representa a definição de valores, atitudes, normas e regras, de comportamentos, de certo e errado, de respeito, interação, partilha, solidariedade, responsabilidade, compromisso, participação etc. Já o vocábulo “ensinar” se refere à prática educativa do professor de Educação Infantil voltada para as atividades intencionadas à leitura, à escrita, à Matemática, às cantigas de roda, que se concretizam em sala de aula e nas apresentações de atividades de danças, por exemplo, e as atividades fotocopiadas enviadas para casa.

Esses objetivos nos levam à discussão do binômio educação e cuidado na Educação Infantil. Não muito diferente do que essas famílias acreditam, mas a educação deve propiciar muito mais à criança dentro e fora das instituições infantis, como, por exemplo, conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Deve oferecer-lhes atividades educativas diversificadas e, ao mesmo tempo, integradas uma às outras, para que possam desenvolver capacidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, cognitivas e linguísticas, de atuação, de relação interpessoal e de inserção social (BRASIL, 1998; BASSEDAS et al, 1999).

Nesse caso, o “ensino”, referido pelas famílias entrevistadas, pode ser relacionado ao cuidado adequado da criança no qual a professora, ao trabalhar as atividades intencionadas, valorize os estágios de desenvolvimento, as necessidades e características específicas. Nesse sentido, educação e cuidado devem ser considerados indissociáveis, uma vez que, em ambas as situações, os responsáveis pela educação da criança precisam dar atenção para os processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Além dos objetivos anteriores, outras famílias acrescentam: “*adaptação da criança na escola*” (YAREMA), “*a criança conhecer a escola*” (CAROLINA) e a “*socialização com outras crianças*” (PAULA). Certamente, esses pais reconhecem que as crianças precisam se adaptar às pessoas que convivem com ela, ao meio físico da escola, e, inclusive, às regras e normas que às vezes se diferenciam bastante do meio familiar. E conhecer a escola, com o mesmo sentido de adaptação, assim como estabelecer interações com as outras crianças, são situações citadas pelas famílias e

necessárias não só para a aprendizagem, como diz uma das entrevistadas, mas também para o desenvolvimento da identidade e autonomia da criança, pois, como afirmam Bassedas et al (1999, p.70),

[...] Tal adaptação não supõem uma atitude passiva por parte da criança; ao contrário: implica a capacidade de poder atuar, modificar e produzir alterações no seu meio. A inter-relação entre as influências e as exigências do meio e a competência para explorar, transformar e provocar mudanças nos elementos, nos objetos e nas pessoas que se apresentam possibilita o seu desenvolvimento e o seu crescimento pessoal. Através desse processo, a criança constrói a sua identidade, atribuindo significados aos fenômenos do exterior e sendo capaz de atuar autonomamente.

As famílias entrevistadas, no entanto, possuem opiniões próprias em relação às funções da Educação Infantil, uma vez que assumem posições diferenciadas ante a educação das crianças, podemos assim dizer e, por esse motivo, no decorrer de cada etapa da Educação Infantil, apresentam novas funcionalidades para essa fase educacional. Talvez isso seja relacionado à política de educação que existe na própria instituição escolar, pois três famílias desta pesquisa direcionam o objetivo da Educação Infantil para o ingresso da criança no Ensino Fundamental, sendo que duas delas são de crianças do nível III, em que há maior prioridade para o trabalho com atividades intencionadas e conteudista, segundo as professoras desse nível. Associam-se, ainda, a concepção de criança e a ideia de educação imposta a sua formação escolar.

Paralelamente aos objetivos da Educação Infantil, expostos pelas famílias entrevistadas, foi possível indagar-lhes sobre o papel da família para a realização desses objetivos. As respostas se direcionam ao acompanhamento das crianças, incentivo e presença dos pais na escola.

As famílias que falam em acompanhar à criança se referem à função dos pais em ver, especificamente, as tarefas escolares em casa e a agenda escolar. Duas mães trazem isso bastante nítido em suas falas:

É preciso que a família acompanhe individualmente o desempenho da criança, acompanhe a criança nas atividades escolares, em casa. (PAULA).

Acompanhar a educação, a aprendizagem da leitura e escrita, em casa. (ADRIENE).

Para essas famílias, apoiar a criança em casa significa colaborar com a aprendizagem delas e com o trabalho das professoras em sala de aula, revelando que tal atitude faz parte da função familiar, como diz essa mãe: “*acredito que a primeira escola seja em casa*”. (CLARISSA).

Outros depoimentos, como “*a escola não educa sozinha*” (GERMANA) e, “*a família tem que dar apoio a criança para ela se desenvolver mais*” (PATRÍCIA) revelam um pensamento das famílias de que a educação na escola e na família se complementam, reforçando a necessidade de a criança ser estimulada no meio familiar, a fim de garantir um desenvolvimento adequado na infância.

Algumas famílias acham que o papel da família é incentivar a criança em seus estudos e ir à escola. Às vezes esse incentivo não ultrapassa a iniciativa dos pais, como eles mesmos dizem, em acompanhar as tarefas enviadas pelos professores para casa. E, quanto a ir à escola, os pais assumem junto com a criança esse compromisso com a sociedade e nem mesmo explica para o filho a importância e os motivos que os leva diariamente para um contexto tão diferente do meio familiar.

Ainda em relação ao papel da família, alguns pais apostam que contribuem indo à escola e participando de suas ações, como, por exemplo, as reuniões, e conversando com as professoras das crianças. É importante destacar o que a mãe de uma criança do nível II diz:

Estar presente na escola, nas reuniões de pais e mestres e saber sobre o desenvolvimento, o comportamento, o rendimento da criança e tudo que acontece na escola. (ANA).

Essa resposta nos leva a refletir na ideia de que o papel da família é além de “*Estar presente na escola*”, isto é, de forma passiva ao entrar e sair, mas estabelecer uma participação ativa diante da educação da criança e das ações da escola; ou seja, manter-se informado sobre “*tudo que acontece na escola*”, isto é, o cotidiano de dentro e fora da sala de aula.

Um depoimento chama atenção, no qual a mãe declara:

Acompanhar os deveres em casa. Caso a mãe não possa ajudar é preciso colocar a criança no reforço. A mãe precisa entender a criança, pois em alguns casos a criança precisa de acompanhamento individual por apresentar problemas em aprender. (LÍDIA).

Nota-se que já nessa etapa da educação, no caso dessa mãe, há uma grande seriedade e responsabilidade em relação às tarefas escolares em casa, uma vez que o reforço é apontado como possível solução. E quando há algo mais sério em que “*a criança precisa de acompanhamento individual*”, este, segundo a mãe entrevistada, deve ser realizado pela própria mãe, pelas professoras e, outros profissionais, nesse caso, os psicólogos.

A compreensão que as famílias, em geral, têm sobre a importância da relação família e a escola na Educação Infantil é de que ela é uma oportunidade de estabelecer um diálogo entre professoras, mães e pais, principalmente por ocasião do início e do final das atividades letivas.

O diálogo, segundo as famílias, deve partir de ambas as instituições educativas, sendo um apoio para a intervenção e compreensão do processo educativo das crianças. Ainda destacam que a procura pelo diálogo tem como fundamento as necessidades tanto das famílias como das professoras em compartilhar informações e esclarecer dúvidas a respeito das crianças, principalmente.

A interação professor e família é referência para as famílias entrevistadas, contudo, algumas acham que o diálogo com a direção da escola também é importante para a troca de informações. A maior proximidade com as professoras, porém, se justifica pela convivência diária com as crianças em sala de aula, considerando-as com maior prioridade para dispor de informações a respeito de seus filhos.

De acordo com as opiniões de alguns entrevistados, a relação família e escola coopera com a resolução de problemas extra escolares e intra escolares; complementa a educação e o ensino que às vezes a família não pode dar à criança; pais e professores ficam informados sobre aprendizagem e comportamento; há troca de ideias e informações; ajuda os pais a educar as crianças, nesse caso, o certo e o errado; conhecimento da realidade da criança; e repasse de informações da sala de aula e da escola em geral.

Sobre a importância da relação família e escola na Educação Infantil, destacamos, a seguir, alguns depoimentos:

É importante porque quando a família tem algum problema e a criança leva para a escola a professora entra em contato com os pais e juntos buscam solucionar o problema. E às vezes a escola identifica algum problema na criança e comunica aos pais, por isso acho que é muito importante essa relação. (GERMANA).

A escola tem o fundamento de educar, de ensinar. Muitas vezes a família não tem um convívio direto com a criança e, já a escola está mais presente e pode dar aquilo (educação) que os pais muitas vezes não têm tempo suficiente porque estão trabalhando. (CÉSAR).

A Educação Infantil é o começo da formação da criança para vida toda. Acho que a escola tem que informar o avanço como, por exemplo, o rabisco e o conhecimento de uma palavra, assim como os pais precisam falar para a professora qualquer avanço que a criança apresentar fora da escola. Também o comportamento da criança deve ser informado pelos pais e pelos professores, pois os comportamentos apresentados na escola e em casa são diferentes, podendo os professores e os pais juntos encontrar uma solução. (YAREMA).

O primeiro e o terceiro depoimentos revelam que a comunicação entre pais e professores não se restringe ao intercâmbio de informações, mas, quando necessário, juntos discutem a solução para as diversas situações ligadas à educação da criança. O segundo depoimento transfere a responsabilidade parcialmente da educação da criança para a escola; ao mesmo tempo, o pai entrevistado é consciente da sua função como educador. Ele diz confiar mais na instituição escolar, pois geralmente outros membros familiares distorcem a educação repassada pelos pais e pela escola, o que, conseqüentemente, dificulta a relação entre professores, pais e crianças.

Algumas famílias declaram essa relação como “*fundamental*” (IRACILDA) e, “*muito importante*” (CLARISSA), uma vez que “*facilita a aprendizagem*” (IRACILDA), “*ajuda os professores*”(ANA), “*os pais ajudam a escola e a escola ajuda os pais na educação dos filhos*”(FRANCISCA). Essas declarações deixam clara a importância que esses pais atribuem à relação mútua entre família e escola, a fim de colaborar com a educação da criança. Também é possível perceber que, quando expressam essas opiniões, revelam ainda um olhar ora na aprendizagem de conteúdos escolares, ora na educação das crianças de uma maneira mais ampla.

Bassedas et al (1999, p.283), na passagem a seguir, nos fazem refletir ainda mais sobre a importância da relação família e escola:

Quando se faz referência a necessidade de que exista uma relação construtivista e estável entre a escola e a família, relevamos a convivência, primeiro, do conhecimento mútuo e, segundo, da possibilidade de compartilhar critérios educativos capazes de eliminar essas discrepâncias que podem ser prejudiciais à criança [...].

A fala de uma das mães entrevistada expressa as vantagens das trocas que devem ocorrer entre a escola e as famílias:

Sem a relação da escola com a família prejudica muito o diálogo e quando existe essa relação a escola e a família podem chegar ao acordo quanto a aprendizagem e até as dificuldades da criança. A professora e os pais podem trocar idéias e informações. (CAROLINA).

Segundo essa mãe entrevistada, professoras e pais devem definir ações comuns que beneficiem a aprendizagem e atendam as dificuldades da criança, destacando a variação de procedimentos não interligados como sendo um fator negativo para o desenvolvimento da criança, visto que, na maioria das vezes, os pais desconhecem o nível de aprendizagem e as dificuldades em que a criança se encontra.

As famílias ainda destacam o comportamento da criança em sala de aula como assunto frequente nas conversas com as professoras, sendo este aspecto importante para os pais, pois se encontra na maioria das entrevistas. Tal concepção pode ser conferida nas seguintes entrevistas:

Na hora da entrada e da saída os pais sempre conversam com as professoras, elas dizem sobre o que acontece na sala de aula e o comportamento. (FRANCISCA).

A família tem que saber o comportamento do filho, o respeito dele com os professores e, das outras crianças que mostram comportamentos diferentes. (SPINOSA).

Sendo assim, as mães buscam um retrato da criança em sala de aula e na escola, visando a uma criança com um comportamento exemplar, que siga a orientação escolar e familiar, a fim de, posteriormente, não causar conflitos entre eles, crianças, professoras e direção; pois, segundo alguns entrevistados, em qualquer situação desagradável da criança dentro ou fora de sala de aula, os pais são chamados à atenção pelos professores e pela direção. De acordo com Perani et al (1985, apud BONOMI, 1998), o comportamento da criança pode ser um fator negativo ao relacionamento entre pais e professores, tornando-a difícil.

Pensar em como essa relação contribui para a qualidade da Educação Infantil foi um desafio para as famílias entrevistadas, sendo necessário, de início, perguntar o que, para elas, é uma educação de qualidade.

Muitas foram as definições citadas, como: a satisfação dos pais com o trabalho realizado pela escola; a valorização das necessidades da criança; o interesse da escola e da família pela aprendizagem da criança; estrutura física e formação adequada de professores; recursos financeiros suficientes; materiais educativos; professores capazes de planejar aulas dinâmicas e envolventes; professores educados; salas de aula menos lotadas; organização adequada da sala de aula; parceria escola e família; alunos disciplinados; respeito entre professores e crianças; e motivação da direção para atuar com as famílias e as professoras.

Para as famílias, isso compõe o quadro de uma educação de qualidade. Percebe-se que o conceito de qualidade empregado por elas é bem dinâmico, pois supera a ideia de valorização da estrutura física da escola e passa também a considerar necessária a formação qualificada dos educadores, aulas construtivas com as crianças e a relação recíproca entre escola e família etc.

A contribuição da relação família e escola para a qualidade da educação acontece, segundo as famílias entrevistadas, no contato e comunicação com as famílias e com os professores; levando as necessidades da instituição escolar até as autoridades; investigando as garantias de acesso e permanência da criança na instituição; os pais participando das ações escolares e levando sempre a criança à escola; os pais estando inseridos nas decisões da escola e Conselho de Pais; a ação conjunta entre pais e professores ante a aprendizagem e educação das crianças; dando ouvidos aos pais e oportunidades para se expressar; e pais compreendendo a importância da formação continuada para professores de Educação Infantil.

A seguir, destacamos alguns depoimentos de famílias entrevistadas:

Acho que os pais precisam participar mais da escola, ver como se encontra a estrutura física (cadeiras, salas grandes e ventiladas), o acesso a livros e informática, a alimentação oferecida às crianças e, principalmente os pais precisam ver se os professores possuem uma formação adequada para a educação das crianças. (YAREMA).

Através da participação das famílias nas decisões da escola como a utilização dos recursos financeiros e na participação do conselho de pais. (PAULA).

Através das reuniões a escola deveria ouvir mais os pais sobre o que nós achamos que está faltando na escola. Os pais precisam falar mais nas reuniões e dizer o que desejam para melhorar a educação. (FRANCISCA).

Esses discursos evidenciam maior participação e atitude crítica das famílias, uma vez que ressaltam sua inserção no ambiente escolar de maneira mais ativa. Ao contrário disso, as

mães a seguir possuem uma visão mais “adaptada” da participação das famílias em relação às ações direcionadas pela instituição escolar. Vejamos:

Ajudando as professoras na aprendizagem da criança, ouvindo os seus conselhos e sendo presente na escola, nas atividades diárias da escola. (ANA).

Participando das reuniões que apresentam informações sobre a aprendizagem e, das atividades da criança. Às vezes os professores precisam participar de cursos de capacitação na Secretaria de Educação e os pais têm que entender que o motivo de sua falta na escola é necessário para a educação de nossos filhos, tornando-a melhor. (LÍDIA).

A qualidade da educação, para essas mães, de maneira ativa ou não, é garantida mediante o esforço de ambas as instituições – famílias e escola – as quais assumem atitude transformadora diante de suas realidades.

Mediante a questão da educação de qualidade, as famílias, assim como Zabalza (1998), ressaltam o trabalho com os pais e as mães como sendo um dos aspectos-chave para uma Educação Infantil de qualidade. A respeito deste aspecto, Zabalza (1998, p.55) ressalta:

Esse tipo de participação enriquece o trabalho educativo que é desenvolvido na escola (a presença de outras pessoas adultas permite organizar atividades mais ricas e desenvolver uma atenção mais personalizada com as crianças), enriquece os próprios pais e mães (vão sendo conhecidos aspectos do desenvolvimento infantil, descobrindo características formativas em materiais e experiências, inclusive o jogo, conhecendo melhor os filhos, aprendendo questões relacionadas com a forma de educar) e enriquece a própria ação educativa que as famílias desenvolvem depois em suas casas. Também os professores (as) aprendem muito com a presença dos pais e das mães, ao ver como eles enfrentam os dilemas básicos da relação com as crianças pequenas.

O autor é claro em asseverar que, com a participação das famílias na Educação Infantil, tanto a escola como os pais e os professores são beneficiados em suas práticas educativas. Convenhamos, nesse caso, que estes precisam intencionar uma parceria e assumir papéis diferenciados na educação das crianças e na relação um com outro (famílias – famílias; famílias – escola; famílias - professores).

Nesse caso, as famílias entrevistadas foram unânimes em dizer que o papel do professor no que concerne a essa parceria é informá-los tudo sobre a educação da criança no interior e exterior da sala de aula. As professoras, para algumas famílias, são responsáveis pelo cuidado e educação da criança na escola. E também elas são consideradas como a

segunda família, pois acompanham diariamente a criança em seu crescimento, aprendizagem e desenvolvimento.

As famílias veem na relação com os professores a oportunidade de serem informadas sobre as aprendizagens, o comportamento, as necessidades e dificuldades da criança, assim como os acontecimentos da instituição escolar, em geral. Isso pode ser constatado nos seguintes depoimentos:

Acho que o diálogo ainda é muito pouco deveria existir mais conversas e atenção. Às vezes os próprios pais dificultam esse tipo de relação, mas os professores têm o papel de informar sobre o comportamento, as dificuldades dos nossos filhos, sendo isso importante para o desenvolvimento deles na escola. (IRACILDA).

As professoras estão sempre envolvidas, comunicam as famílias sobre os acontecimentos da escola e sala de aula. As professoras também orientam os pais no cuidado com os filhos, às vezes perguntam alguma coisa sobre o comportamento em casa. Acho que a troca de informações é um papel importante do professor e também dos pais. (PAULA).

O professor é o responsável pela criança na escola. Ele tem o papel de ensinar as crianças. Com eles podemos saber das dificuldades e comportamento das crianças. (MILLY).

Assim, os pais consideram que a comunicação favorece, como já expressei, as práticas educativas e, conseqüentemente, o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Como diz o segundo depoimento acima, a troca de informação não é apenas papel do professor, mas também das famílias, que muitas vezes bloqueiam a relação família e escola.

Uma mãe entrevistada diz que os professores precisam estar bem informados sobre a escola e a criança, para poder estabelecer uma comunicação com as famílias. Vejamos a fala a seguir:

Eu acho importante o professor ter a preocupação de se informar e manter a família informada sobre a criança e o que acontece na escola. (YAREMA).

Algumas famílias, por outro lado, se referem à necessidade de um bom relacionamento, de amizade, afetividade com as crianças, ação prestativa e comunicativa vinda dos professores, habilidades estas consideradas importantes para uma relação segura entre os componentes familiares e escola. Comprovemos nas falas dessas famílias:

Tem papel de suma importância, pois se os pais têm bom relacionamento com os professores, vai incentivar o próprio professor a ter mais interesse em ensinar a criança, tendo mais união entre a criança, os professores e as famílias. (CÉSAR).

A professora é fundamental porque é com quem temos contato e recebemos informações da criança. Ao apresentar afeto pelas crianças, as professoras cativam os pais e fica mais fácil a parceria. Pra mim, isso é um bom relacionamento entre pais, professoras e crianças. (ANA).

A professora deve ser prestativa em sempre responder as perguntas e dúvidas dos pais. (PATRÍCIA).

Acho que deve existir uma amizade, uma conversa entre os pais e as professoras dando a gente segurança em deixar a criança na escola. (CLARISSA).

Como já falei, a professora é um elo entre a família e a escola. Através das professoras podemos saber do comportamento e o andamento da criança na sala de aula. Isso é fundamental para a criança e para a família se sentir segura em deixar seu filho na escola. É fundamental também que as professoras sejam comunicativas e facilite o diálogo com os pais. (LÍDIA).

É interessante perceber como esses pais enfocam as consequências do bom relacionamento entre professores e famílias: um vê o efeito no maior interesse do professor pelo aluno, pois diz: *“se os pais têm bom relacionamento com os professores, vai incentivar o próprio professor a ter mais interesse em ensinar a criança”* (CESÁR); já o outro traz a sedução que provoca nos pais, quando ressalta: *“Ao apresentar afeto pelas crianças, as professoras cativam os pais”*. (ANA).

Com arrimo, ainda, nessas falas, percebe-se que a interação com as famílias requer do professor algumas habilidades, assim como na relação deste com as crianças, pois, como ressalta a mãe, Lídia, *“A criança é um elo entre a família e a professora. E a professora é um elo entre a família e a escola”*. Nesse caso, os professores são os que proporcionam uma relação positiva entre mães, pais e escola, destacando-se como peça-chave no trabalho com as famílias. A fala a seguir reforça tal pensamento e até mesmo o justifica:

Acima de tudo o papel do professor é o mais importante porque ele está todos os dias com a criança e é quem entra em contato com as famílias. Por exemplo, a diretora não pode falar que o seu filho tem alguma deficiência se ela não for comunicada pela professora. Por isso acho que a professora faz o contato com a família e a diretora é quem fortalece a parceria com os pais. (CAROLINA).

Em razão dessa importância conferida ao professor, e para que se tenham resultados desejáveis com a relação família e escola, não podemos esquecer de que professores devem reconhecer as famílias como parte do processo de ensino e aprendizagem da criança,

inclusive, acreditar que é possível e necessário firmar uma parceria entre a escola e a família na Educação Infantil. Ao mesmo tempo, é necessário, para um envolvimento com as famílias, que os professores reconheçam a diversidade na convivência com mães e pais, assim como se postem na posição destes em certas situações ligadas à educação das crianças e saibam quais são as suas expectativas com relação ao contato com as famílias (SPODEK e SARACHO, 1998).

É importante também a direção reconhecer o poder dos professores perante as famílias, e, ao mesmo tempo, capacitá-los para a convivência e inclusão dos pais nas atividades das crianças em sala de aula e, em geral, nas ações da escola.

Quando os pais e as mães acreditam na parceria entre a escola e família, a fim de junto aos professores estabelecerem uma comunicação, o que para essas famílias é tão importante, veem que, com base nas informações, possam definir atitudes e práticas educativas de qualidade à educação das crianças.

Por conseguinte, todas as famílias entrevistadas acreditam que escola e família podem realizar um trabalho juntos, mas lembram a necessidade de haver disponibilidade de ambos os lados e, inclusive, que a instituição escolar proporcione discussões com os pais sobre a importância dessa parceria, incentivando-os a comparecer ao ambiente escolar, pois justificou uma das mães: *“Acho que depende muito do interesse das famílias”*. (SPINOSA).

Segundo algumas famílias, com uma relação equilibrada entre escola e família, as crianças irão ter mais interesse pela escola, sentir-se-ão protegidas e os pais com segurança em deixar os filhos na instituição. Ambas as instituições complementarão a função educativa e, além disso, terão influência positiva na aprendizagem da criança. Outras famílias acreditam nessa relação baseada na experiência vivida na instituição pesquisada. Identificamos duas falas de mães entrevistadas:

Sim. Na escola do meu filho os pais estão envolvidos com as atividades e tem dado muito certo. (PAULA).

Sim. Na escola que meu filho estuda, os pais ficam por dentro de tudo que acontece e isso tem ajudado com a educação dele. (ADRIENE).

Com amparo nesses relatos, notamos uma aproximação real com as famílias na instituição sob exame. De acordo com as entrevistadas, a relação família e a escola acontece nas reuniões de pais e mestres; com os informativos na agenda escolar; no Conselho de Pais;

nas datas comemorativas; nas conversas individuais; na entrada e saída da instituição; na presença dos pais na sala de aula; na organização dos eventos e contribuição financeira; no contato com todos os funcionários; nos encontros informais além do espaço escolar; na socialização dos portfólios; e nos projetos temáticos.

Dentre estas oportunidades de relacionamento com as famílias, vale destacar as reuniões, já que estão presentes em todas as falas das famílias entrevistadas. Para elas, as reuniões se destinam a “*falar da aprendizagem, do desenvolvimento e comportamento das crianças*” (CÉSAR), mas “*deveria ter mais tempo para os pais falar e tirar suas dúvidas*” (GERMANA), e uma metodologia dinâmica e mais atraente às famílias, pois “*a forma como é passado as informações tem contribuído para a não participação dos pais*”. (IRACILDA). Vale ressaltar que as famílias reconhecem a importância das reuniões, mas fazem algumas críticas à forma como são ministradas. Foni (In: BONDIOLI e MANTOVANI, 1998, p.155) contribui com essa reflexão acerca do momento de participação dos pais:

[...] mesmo uma grande vontade de participação pode ser colocada a dura prova por reuniões em que as ordens do dia não são claras, a condução é incerta, a duração é imprevisível e as cadeiras, desconfortáveis.

Em segundo lugar, destacam-se as festas comemorativas, como, por exemplo, o Dia das Mães, festival junino, Dia dos Pais (futebol com os pais) nas quais são planejados momentos de participação dos pais e apresentação das crianças. Nesse caso, os pais referem-se a momentos bem mais interessantes de contato com a escola, assim como ressalta Bonomi (In: BONDIOLI e MANTOVANI, 1998, p.163):

São ocasiões prazerosas e divertidas, embora às vezes um pouco confusas, que ropem com a rotina cotidiana das educadoras e talvez possuam também a função, devido ao fato de serem extraordinárias, de assegurar a todos que os pais, as educadoras e as crianças podem ficar juntos.

Por isso, a instituição escolar deve estar à frente dessa parceria com as famílias, cuidando para que esses encontros entre família e escola sejam de interesse de ambas as instituições e possam proporcionar maior aproximação e participação, em vez de empatia. Disponibilizar tempo para as famílias das crianças e convidá-las a comparecer a reuniões e festas comemorativas não são ações suficientes, sendo necessárias algumas iniciativas,

atitudes, habilidades e dinamismo para a concretização de um trabalho coletivo entre as instituições escolar e familiar.

De acordo com as opiniões das famílias, elencamos algumas iniciativas próprias da instituição escolar, outras da instituição familiar e/ou iniciativas de ambas as instituições educativas como sendo facilitadoras da relação escola e família.

Como ações proporcionadas pela escola há o momento de participação dos pais nas reuniões e projetos, os quais possam contribuir com a organização e materiais necessários; a inclusão dos pais em atividades escolares na sala de aula; o envio de convites das atividades escolares para as famílias; e a permissão do acesso destas no interior da instituição escolar. Estas facilidades, ainda, expressam o desejo de participação ativa das famílias na escola.

A disponibilidade (presença e tempo) das famílias em comparecer a escola representa a iniciativa própria dos pais. E, como atitudes das duas instituições, há a confiança da família na instituição escolar, especificamente nos professores; o relacionamento amigável e respeitoso entre a comunidade escolar; a boa receptividade pelos membros escolares; e, ainda, professores, diretores e pais comunicativos para que possam dialogar a respeito da criança e da instituição. Estas facilidades são aquelas adquiridas cotidianamente, à medida que a relação família e escola vai se estreitando.

As famílias relatam também sobre o que dificulta essa relação. Ligados às reuniões, elas citam o horário (geralmente pela manhã), a ausência de criatividade e dinamismo ao transmitir as informações (também são lembradas as festas comemorativas) e de um espaço adequado para sua realização. Também falam na ausência do diálogo entre famílias, professores e diretores; no desinteresse destes pelo trabalho mútuo entre a escola e a família; na ausência de motivação por parte da direção. Elas acham que quando a família é ausente na educação da criança, ou seja, que não vai à instituição, não verifica a agenda escolar, as atividades escolares, e não respeita as normas e as regras estabelecidas pela instituição escolar, isso pode ser uma repulsão para a relação família e escola.

Outros fatores destacados pelas famílias, que dificultam a relação delas com a escola, são o bloqueio de acesso dos pais nos vários ambientes da instituição, e a ida até a sala de aula. Ainda, destacam a presença do cadastro desatualizado das crianças, impedindo, quando necessário, o contato com as famílias. De acordo com essas famílias, o educador não atualizado representa uma prática docente estática com as crianças, o que as deixam

insatisfeitas. Nesse caso, a relação família e escola se torna dependente da educação de qualidade oferecida às crianças.

É importante, como já exposto anteriormente, que para uma relação participativa entre a instituição escolar e familiar haja uma comunicação e/ou convite das atividades que a escola promove, pois são momentos de oportunidades para que a escola e a família conheçam os resultados benéficos ou não desta relação, e, portanto, assegurar um contato entre ambas.

Na escola pesquisada, de acordo com as famílias entrevistadas, os pais são avisados “*com bastante antecedência*” (GERMANA), a qual “*pede a presença de todas as famílias*” (PAULA). Nesse caso, as famílias são comunicadas pelos seguintes meios: “*na rádio quando o evento é maior*” (GERMANA); “*agenda e pessoalmente durante a saída da escola*” (CÉSAR), “*convites*” (IRACILDA); “*pelos crianças*” (CAROLINA); “*nas reuniões elas também falam*” (FRANCISCA); e “*no caderno de atividades*”. (ADRIENE).

Segundo as mães, Yarema e Lídia, a instituição investigada também convida as famílias para os eventos da comunidade na qual está inserida e que, na maioria das vezes, se encontra envolvida na organização. A aproximação com a comunidade, nesse caso, consideramos muito importante, pois, colabora para a realização de atividades, as quais incluam espaços e situações não-escolares com as crianças, dando - lhes oportunidades para a familiarização e o conhecimento da realidade em que vivem, já que a maioria das crianças reside nas proximidades da instituição.

Uma das mães, ainda, declara: “*Algumas vezes as professoras mandam convites lindos, todo decorado. Acho que elas capricham nos convites e decoração das festas*” (PATRÍCIA). Esta declaração revela o “cuidado” para com as famílias, atitude esta, capaz de demonstrar o quanto as famílias são importantes para o bem-estar da instituição escolar.

É interessante a instituição educacional disponibilizar às famílias várias opções de envolvimento com a educação da criança, e, ao mesmo tempo, canais diversificados para entrar em contato e mostrar as produções das crianças. Assim, a instituição estará firmando uma relação satisfatória com os pais. No caso da instituição pesquisada, os pais definem a relação família e escola como sendo muito boa. Para eles, o acesso das famílias no interior da instituição, o compromisso da direção perante as famílias, e o diálogo estabelecido entre famílias, professores e direção contribuem com um trabalho entre a escola e as famílias das crianças. Tudo isso, mais a recepção e o tratamento de igualdade por parte dos membros da instituição escolar fazem com que as famílias da escola pesquisada, segundo os entrevistados, se sintam “*bem acolhidas*” (GERMANA); “*à vontade*” (CÉSAR); “*incentivadas*”

(CLARISSA); “*gratas*” (ANA); “*bem receptivas*” (PAULA); “*bem realizadas e felizes*”. (MILLY).

Em consequência do trabalho que a instituição pesquisada realiza, a minoria das famílias reconhece que a participação delas na instituição sob análise deve melhorar, enquanto a maioria relata ser compromissada e interessada pelas atividades dessa escola. Eis a primeira situação nas falas seguintes:

Se todos os pais fossem como eu a participação seria bastante. Tem pais que não vão porque não quer, outros já trabalham. Então, acho que a presença é uma minoria. (GERMANA).

Acho que o interesse das famílias está longe do ideal mesmo a escola comunicando tudo o que acontece. (YAREMA).

Devido à falta de tempo de algumas famílias a presença ainda deixa um pouco a desejar, mesmo que seja uma exigência da escola. (IRACILDA).

Quanto à segunda situação, temos os depoimentos a seguir:

Durante as atividades há uma presença da maioria dos pais. Eles participam porque são convidados pela escola, são incentivados pelos professores e pelas crianças e se interessam pela aprendizagem dos seus filhos. (CÉSAR).

A família participa bastante das festas e das reuniões. Com o incentivo da escola, hoje algumas famílias que não participavam das reuniões e das festas estão indo. E as famílias que já iam se sentem mais incentivadas. (MILLY).

A presença é constante e o interesse também. Acho que os pais se interessam por conta própria pelas atividades que as crianças participam na escola e não porque a escola impõe como algumas mães dizem. (FRANCISCA).

Durante as reuniões e as festas vejo que tem muitos pais participando. Eles gostam de ajudar quando a escola pede para seu próprio benefício. (ADRIENE).

Os pais sempre tão presentes e participam das reuniões. Acho que se as reuniões fossem em outro horário os pais iam mais a escola. (PATRÍCIA).

Esses discursos nos fazem refletir o quanto o trabalho da escola com as famílias das crianças é delicado, sendo o diálogo muito importante para a motivação da participação de mães e de pais, tendo a escola, juntamente com as famílias, de decidir horários e espaços adequados, assim como temáticas a serem discutidas, respeitando, nesse caso, a realidade de cada instituição educativa. Talvez seja esse o ponto crucial para uma relação de qualidade entre a família e a escola na Educação Infantil.

Como ressalta Foni (In: BONDIOLI e MANTOVANI, 1998), “Atualmente, é evidente para todos que o próprio trabalho com as crianças pressupõe um empenho paralelo com os seus familiares mais próximos, que constituem uma realidade estritamente complementar”. (P.154). É considerando essa necessidade que as instituições educativas buscam a participação das famílias das crianças, a fim de beneficiá-las em seu desenvolvimento e aprendizagem.

Por consequência, com a presença dos componentes familiares na escola, de acordo com os entrevistados, as crianças se sentem “bem”; “à vontade”; “confiantes”; “seguras”; “felizes”; “animadas”; “orgulhosas”. Nesse caso, as crianças gostam que os pais compareçam à instituição escolar e participem das atividades com elas; às vezes cobram quando isso não é possível, e, também, gostam quando pais e professores são amigos. Uma das mães entrevistada disse que “as vezes a criança tem receio dos pais em perguntar sobre o dia a dia deles na escola” (IRACILDA). Ao contrário, outra mãe ressalva que “as crianças não se mostram inibidos com a presença dos pais continuando normal as atividades” e, ainda acrescenta, “Meu filho, por exemplo, não liga quando eu ou o seu pai está na escola” (PAULA), e ainda diz uma mãe de uma criança do nível I: “Quando a professora chama os pais para participar de alguma atividade a criança chega também a chamar a sua mãe. Isso já aconteceu comigo”. (FRANCISCA). Então, essa necessidade não se restringe à instituição escolar e aos pais, mas também as crianças precisam do apoio de seus membros familiares no interior e exterior da escola.

Considerando essas famílias construtoras da relação família e escola, pedimos sugestões de estratégias para que essa relação aconteça. Para uma instituição educativa que ainda não estabeleceu parceria com a família, os entrevistados sugerem, além de ações mais tradicionais, como as reuniões, festas comemorativas e o diálogo entre escola, família e comunidade, as seguintes estratégias:

[...] oferecer às crianças lazer, brincadeiras educativas, os pais se sentiriam mais atraídos pela escola. (GERMANA).

[...] Oferecer um ensino de qualidade porque se não os pais não vão querer conhecer a escola. (ADRIENE).

As famílias, nessas falas, relacionam atividades diversificadas oferecidas às crianças com o seu interesse de participação.

Acho que os pais poderiam participar de atividade com as crianças em sala de aula e em projetos fora da sala de aula como competições. (YAREMA).

Jogos educativos com as crianças e os pais. (PATRÍCIA).

Aqui expressam o desejo de inserção no cotidiano (em sala de aula) da educação escolar, concomitantemente atuando com as crianças.

Deveria ter mais atividades com as famílias como sala de leitura, jogos, o dia de lazer e computação. (CLARISSA).

Na escola tem o projeto “Tenda da Leitura” que os pais, na minha opinião, deveria participar. (CAROLINA).

[...] criação de projetos que precise dos pais e que incentive as crianças a gostar da escola. (ANA).

Nesse caso, as famílias evidenciam maior participação nos ambientes e projetos da instituição. Na verdade, revelam o que gostariam que acontecesse na escola pesquisada. Também veem a relação com a escola como oportunidade de aprendizagem e incentivo às crianças para que permaneçam no ambiente escolar.

[...] comparecendo nas residências para convidá-los e orientar sobre a importância da presença da criança na escola. (PAULA).

Participação dos professores nas reuniões. (SPINOSA).

[...] organizar um grupo de pais para criar uma estratégia adequada para poder motivar outros pais a participar dos conselhos da escola. (FRANCISCA).

É notória nas falas dessas mães a posição que a escola deve assumir diante da relação com as famílias. Elas chegam a revelar algumas necessidades de participação com a escola pesquisada, requerendo a presença e participação ativa das professoras durante as reuniões.

Para melhorar a relação entre a escola e as famílias nas instituições que já fazem um trabalho com os pais, os entrevistados apostam nas conversas individuais com as famílias, pois, segundo uma das mães, “*tem assuntos que devem ser reservados numa conversa entre professores e pais ou diretores e pais*” (IRACILDA). Acham também necessários momentos de interação entre crianças, professores e as famílias, como, por exemplo, “*momentos com os pais em sala de aula como o aniversário. Assim, as crianças e os pais iriam conhecer uns aos*

*outros*” (CLARISSA) e a realização de atividades diversificadas como “*artes, teatro, músicas para as crianças e os pais*” (MILLY) e “*dança, artes, lazer, jogos, festas comemorativas*” (ADRIENE). Esta mãe, por último, expressa um sentimento, dizendo que “*os pais precisam também participar com os filhos desses momentos*”, e ainda faz um desabafo a escola pesquisada na qual diz: “*Sinto falta disso lá na escola*”.

Ainda consideram importante uma comunidade escolar capacitada para a interação com as famílias; reuniões específicas com as professoras, sendo uma condição, para as famílias, de maior aproximação com as crianças e o planejamento e realização de palestras educativas, visando cuidar da educação das crianças e das famílias.

Enquanto isso, algumas famílias acreditam em uma só saída, ou seja, “*maior empenho de cada um da escola*” (FRANCISCA), e “*manter sempre a motivação dos pais*” (LÍDIA). Por último, a mãe Spinosa ressalta que a estratégia é “*buscar ajuda das autoridades que possa melhorar a educação*”. O trabalho coletivo entre os membros da escola é essencial para a participação das famílias. No caso da instituição pesquisada, a presença constante e a motivação da diretora ajudam muito com o interesse dos pais em considerar importante a relação entre a escola e a família na Educação Infantil.

Vimos anteriormente o que é, para as famílias entrevistadas, importante na relação entre a escola e a família na Educação Infantil. Vale ressaltar que as famílias, em suas respostas, têm como referência a experiência com a escola pesquisada onde seu filho está regularmente matriculado. Entendemos tudo isso como uma reivindicação e/ou desejos a serem alcançados para uma parceria entre a escola e a família na Educação Infantil, visto que o trabalho com as famílias, realizado na instituição pesquisada, ainda tem que superar a uniformidade das reuniões e das festas comemorativas. Como já expressei, há necessidade de dinamismo, criatividade, ousadia, inovação e, principalmente, de envolvimento de toda a comunidade escolar. Assim, a presença e a participação das famílias na educação escolar das crianças serão tocadas positivamente pelas trocas de ideias e experiências, conseqüentemente, teremos mães e pais participativos e líderes nas instituições de Educação Infantil.

#### **4 A VISÃO DAS PROFESSORAS E DA COORDENADORA PEDAGÓGICA SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Em decorrência do conhecimento das professoras acerca do universo infantil, incluindo a relação família e escola na Educação Infantil, ressaltamos a seguir suas contribuições para este trabalho.

Todas as docentes entrevistadas evidenciam a socialização das crianças no ambiente escolar como sendo o objetivo da educação na infância. Ao mesmo tempo, a maioria também se referiu à aquisição de aprendizagens dos conteúdos escolares, isto é, a aquisição da escrita, da leitura e dos números.

Ante o maior destaque conferido à socialização, vale a pena destacá-lo. A socialização mencionada pelas professoras corresponde à convivência e interação das crianças, e também com o espaço institucional. Ressaltam que, por meio dessa socialização, as crianças aprendem a compartilhar os materiais didáticos e o lanche; a interagir nas brincadeiras; a respeitar os colegas de classe; e se dar com a afetividade. Podemos identificar tal objetivo nas seguintes falas das professoras entrevistadas:

É socializar a criança com as outras. (KÁTIA).

O principal objetivo é as crianças se socializar com seus coleguinhas. (RACHEL).

[...] a mudança de hábitos, o respeito pelas outras crianças. (MARCELA).

A criança aprende a conviver com outras crianças e a compartilhar os materiais escolares. (ROSEANE).

[...] a socialização com o meio e as outras crianças. (ADRIANIZY).

Dada a relevância da socialização na Educação Infantil para essas professoras, vale destacar o ambiente escolar como “[...] um lugar privilegiado de socialização e de interação com parceiros diversos, que não pertencem as suas relações familiares”. (AGOSTINHO, 2009, p.47). Assim, a professora Rachel, do nível I, fala que é na instituição escolar que muitas crianças alargam suas interações com outros adultos e outras crianças, pois, geralmente, vivem em contextos familiares e sociais restritos.

Considerando a importância que a socialização oferece ao desenvolvimento infantil, é de se considerar o fato que é de interesse e responsabilidade das instâncias socializadoras, nesse caso, da família e da escola. Ainda, a socialização infantil deve ser valorizada a fim de reforçar os vínculos relacionais entre crianças, profissionais e familiares na Educação Infantil, como ressalta Agostinho (2009, p.46):

[...] as interações das crianças devem ser observadas, potencializadas, pois necessitam de uma ação consciente e intencional por parte dos responsáveis pelo enriquecimento e pela diversificação dos seus repertórios sociais, com vistas a intensificar os relacionamentos entre os envolvidos – crianças, profissionais e famílias – em um processo de abertura à participação efetiva dos diversos membros e a criação de uma rede de intercomunicação entre eles, considerando-os como construtores do espaço social coletivo.

À medida que algumas professoras falam sobre os objetivos da Educação Infantil, destacam que as crianças chegam à escola portando conhecimentos prévios. Com base nessa convicção, ressaltam: *“Ela vem com a educação familiar e aqui na escola se desenvolve mais ainda”* (KÁTIA); *“É o momento que a criança aperfeiçoa os conhecimentos adquiridos em casa”* (MARCELA); *“Não podemos esquecer que a criança chega à escola com uma bagagem de conhecimento”* (DAYANA). Esta lembra que faz parte do papel do professor de Educação Infantil reconhecer e valorizar os conhecimentos prévios das crianças e, *“por isso o professor deve utilizar métodos que ajude na sua aprendizagem”*.

A respeito do objetivo da Educação Infantil, há certa coerência entre a visão das professoras e da coordenadora pedagógica, pois, ao falar de aprendizagem e de socialização, essa última destaca “o desenvolvimento do ensino e aprendizagem”, mas também cita a socialização:

A Educação Infantil é o alicerce para se começar o desenvolvimento do ensino e aprendizagem. A Educação Infantil hoje é muito diferente, não é só brincadeiras, cantigas e pinturas, mas inclui a socialização, a psicomotricidade, a motivação e a interação da criança com o meio.

A princípio, essa fala da coordenadora pedagógica parece discriminatória em relação às práticas educativas que valorizam as brincadeiras, as cantigas de roda e as pinturas das

crianças; entretanto, ela quer dizer que não são atividades desprovidas de sentido, ligadas apenas ao “fazer”, pois, atualmente, as professoras estão mais atentas para o valor destas na Educação Infantil, dando-lhes “significado no desenvolvimento das crianças”, portanto, são mais significativas para os professores e para as crianças, que são delas sujeitos ativos.

Em conformidade com as famílias usuárias da escola, as professoras entrevistadas ressaltam também a importância do acompanhamento da criança em casa, o incentivo dado pelos pais e a presença destes na instituição de Educação Infantil, como sendo os papéis destinados às famílias para a concretização dos objetivos referentes à socialização e às aprendizagens das crianças. As professoras entrevistadas destacam o seguinte:

Os pais, em casa, precisam ter tempo, dar jogos, brinquedos educativos, ler historinhas, brincar com as crianças, passar DVDs educativos para poder complementar a educação da escola. (KÁTIA).

A família tem que incentivar a criança a fazer as tarefas e gostar de ir a escola. Em casa, a mãe ou o pai podem dar folhas em branco, revistas, livros com desenhos, ler historinhas para a criança, conversar sobre a escola. Acho se os pais incentivam a criança em casa, eles sempre vão gostar de vim para escola. (MARCELA).

Acompanhar os filhos nas atividades, ver a agenda escolar são atitudes que contribuem para melhorar a aprendizagem e, nós professoras ficamos satisfeitas porque os pais reconhecem nosso esforço e participam da educação da criança. (ADRIANIZY).

Essas professoras apostam num acompanhamento dado às crianças pelas famílias com maior riqueza de atividades, ao contrário das famílias entrevistadas, que disseram acompanhar as atividades de casa e a agenda escolar. As professoras Kátia e Marcela expõem atitudes dinâmicas e incentivadoras das crianças; inclusive Marcela ressalta, como parte delas, o diálogo com a criança sobre a escola. Outra professora também prioriza o diálogo, dizendo: *“é ensinar seus filhos a respeitar os coleguinhas, conversar sobre a divisão de materiais e brinquedos com as outras crianças.”* (RACHEL). Assim, pais e mães estarão colaborando com a ação docente em sala de aula e a criança verá que o respeito e a socialização de materiais são conceitos e atitudes preponderantes também em seu ambiente familiar. Sendo assim, contribuem para que as instituições educativas não sejam tão contraditórias em suas ações educativas.

Em relação à presença das famílias no ambiente escolar, vale destacar os depoimentos das professoras:

E participando de reuniões e conhecendo as professoras saberá como agir melhor na socialização dos filhos na escola e na sociedade. (RACHEL).

Ela tem que está presente na escola, lado a lado com os professores para saber se a criança está evoluindo e quando necessário, buscar ajuda com os professores. (ROSEANE).

A família tem que ser cooperativa, senão não haverá uma contribuição entre família e a escola. (DAYANA).

É estar presente na escola, procurar saber o que a criança vem produzindo e aprendendo. (ADRIANIZY).

Para essas professoras, o papel das famílias, em especial, é estabelecer relação dialógica e cooperativa com a escola, a fim de adquirir informações a respeito da criança, e as professoras, em algum momento, ajudá-las com a educação da criança. Ainda parece que não há uma valorização dos saberes das famílias, ou seja, as sugestões dos pais não são vistas como oportunidades de crescimento e de aperfeiçoamento. Nesse caso, apenas as professoras contribuem com os pais. De acordo com Spodek e Saracho (1998), as informações devem transitar entre pais e educadores, a fim de colaborar com a educação em casa e na escola, conseqüentemente, para a elaboração de um programa pedagógico de qualidade para cada criança.

Considerando a visão de algumas famílias e das professoras desta pesquisa em relação ao papel da família para a realização do objetivo da Educação Infantil, o depoimento da coordenadora pedagógica resume tudo com clareza e objetividade:

A participação, a colaboração e a parceria da família é primordial. Se não houver uma relação forte em que a escola e a família entendam o processo da educação infantil, elas não terão bons resultados. Nesse caso, o maior prejudicado será a criança.

É muito interessante essa fala, porque nos chama atenção para uma das possibilidades e, talvez, a principal, garantia de uma relação família e escola segura. Com base no entendimento da Educação Infantil pelas instituições escolar e familiar, talvez todos os papéis

possam ser concretizados pelas famílias com maior responsabilidade e, ao mesmo tempo, tornam-se significativos para a escola e a família. Como diz Abuchaim (2006, p.143-144), “a relação família-escola abre possibilidade de reflexão e de revisão das condutas educativas”, acreditando que “a grande beneficiada é a criança, que tem pai, mãe e educadores aliados em prol do seu bem-estar”.

Ressaltamos que esses papéis direcionados às famílias das crianças, de qualquer maneira, se vinculam à importância da relação entre família e escola na Educação Infantil. Essa relação é importante, de acordo com a professora Kátia, porque “*um não caminha sem o outro*”. A comunicação entre escola e família presente nas falas das professoras também expressa a importância dessa relação na Educação Infantil. As falas seguintes representam essa ideia:

[...] os pais perguntam sobre o comportamento, aprendizagem, se a criança é ativa e junto com as professoras decidem qual a melhor intervenção. (KÁTIA).

Os pais têm que sempre acompanhar a criança na escola, perguntar para as professoras sobre a criança, pois às vezes algumas atitudes são entendidas com a ajuda dos pais. (MARCELA).

A mãe e os pais devem ser conscientes da importância da educação infantil na formação dos seus filhos [...]. Às vezes não tem condições, não estão preparados para a formação dos filhos e vem buscar ajuda da escola e dos professores [...]. (DAYANA).

Para as professoras, a importância da relação entre a família e a escola na Educação Infantil relaciona-se à decisão de ações educativas adequadas à educação da criança; à resolução de “problemas” como agitação, choro e comportamento inadequado da criança em sala de aula; e a troca de informações sobre a criança e a instituição escolar. A professora Dayana fala que a aproximação dos pais com a escola é importante, porque alguns não estão capacitados sozinhos para lidar com a educação de seus filhos. Assim como ressalta Oliveira (2002), as famílias são consideradas pelas creches e pré-escola como sendo menos competentes do que os professores, principalmente quando se trata das famílias de baixa renda ou grupos familiares de pais adolescentes.

A coordenadora pedagógica diz ser necessário “*bom relacionamento*” entre a escola e a família na Educação Infantil, senão “[...] *a criança não terá um desempenho satisfatório e nem a comunidade escolar ficará satisfeito com o processo ensino e aprendizagem da escola*”. De acordo com Carvalho (2004, apud ABUCHAIM, 2006, p.141),

Se há concordância entre família e escola, no que diz respeito ao ensino oferecido pela escola, e se as crianças têm um bom rendimento, as relações família e escola costumam andar bem. Por outro lado, quando há divergências entre o modo de educar em casa e na escola, ou as crianças não têm um aproveitamento satisfatório, passam existir conflitos. Se há insatisfações de qualquer uma das instituições, certamente existirão problemas.

Nesse caso, as professoras e as famílias entrevistadas apresentam visões semelhantes quanto à importância da relação família e escola na Educação Infantil. Durante nossas conversas, chamou bastante atenção o destaque que deram à possibilidade dessa relação melhor ajudar as crianças durante a resolução de problemas trazidos por elas de seu ambiente familiar, como, por exemplo, a separação dos pais. Este tema é visto pelas professoras como fator negativo para a aprendizagem da criança em sala de aula.

Assim como as famílias, também as professoras entrevistadas tiveram dificuldades em responder como a relação família e escola pode contribuir para a qualidade da educação das crianças. Esta, segundo elas, corresponde à formação adequada e continuada dos professores; materiais diversos na sala de aula; estrutura física adequada para as atividades com as crianças; compromisso dos pais em levar a criança para escola; boa alimentação para as crianças, dando-lhes melhor condição para aprender; criatividade do professor; amor pelo que faz; e respeito pela família. Ressaltam que essa qualidade é “[...] *conseqüência do trabalho da família e da escola*”. (KÁTIA).

Conseqüentemente, as professoras dizem que: “[...] *família e escola devem dialogar para decidirem o que é uma educação de qualidade*” (RACHEL); a família precisa apresentar “*boas atitudes*”, e também, saber que a Educação Infantil “*não é só ensinar o concreto*”, isto é, a criança aprender a ler e a escrever (MARCELA). Também “[...] *a escola mais a família tem que se adaptar a realidade da escola*”, ou seja, “*as salas de aula pequenas e lotadas*” (ROSEANE); “*A escola com os pais tem que buscar meios e vínculos para educar*” (ADRIANIZY), por exemplo, materiais escolares (livros didáticos, jogos, fantoches, brinquedos) e interações com pessoas da comunidade próxima da escola.

A professora Dayana, do nível III, ressalta que é necessário a família “[...] *compreender que a criança tem momentos diferentes no seu desenvolvimento*”. Para isso, a instituição escolar, de acordo com essa professora, precisa orientar as famílias das crianças, sendo uma condição de “*mais tarde eles (os pais) irão apoiar nossas atitudes em sala*”. Ainda diz que as crianças precisam de liberdade e autonomia durante a realização de

atividades e exploração do meio escolar (ir ao banheiro, à cantina, beber água); para tanto, os pais precisam compreender isso.

Na compreensão da coordenadora pedagógica, a qualidade da educação oferecida às crianças é uma consequência também do comprometimento das famílias com a educação de seus filhos. Ela relata que às vezes estas transferem a responsabilidade da educação somente para a escola. Qualidade, porém, não se resume a isso. Portanto, diz:

A família precisa ajudar a escola colaborando nas atividades das crianças, apoiando-as quando necessário, haja vista que uma escola onde não priorize a disciplina, professores qualificados, organização do espaço físico, não tenha bons frutos.

Vale ressaltar que, se tudo isso assegura uma educação de qualidade às crianças, também garantirá uma parceria harmoniosa, flexível e confiante entre famílias e educadores. Por isso, estes devem atentar para sua ação diante das famílias das crianças e para isso precisam estar preparados.

É importante destacar a visão das professoras quanto ao seu papel como docentes de Educação Infantil em relação à parceria com as famílias das crianças. Uma professora do nível II diz que o professor, em contato com pais das crianças, precisa ser “*criativo, meigo, compreensivo, paciente, afetivo*”. (MARCELA). Essa mesma professora ainda complementa:

Isso é preciso para passar a realidade da sala de aula, das vivências da criança para os pais.

Outra professora do nível I destaca: “*O professor tem que passar para a família confiança, equilíbrio, sinceridade*”. (KÁTIA). De acordo com essa professora:

É ideal falar da importância do professor de Educação Infantil e esclarecer que seu papel não é apenas cuidar, mas também educar. Havendo essa troca vamos conquistá-los e ser valorizados pelos pais.

Enquanto a professora Kátia expõe como papel do professor informar os pais da importância do professor de Educação Infantil, ao mesmo tempo, definir as funções de cuidar e educar a criança, a professora Dayana acredita que estes entendem a importância da Educação Infantil e o papel do professor, inclusive em *“ajudá-los na educação dos seus filhos”*. Nesse sentido, a professora Rachel também fala no papel de educar as crianças, mas também os pais, pois acredita *“que sentem dificuldades em educar seus filhos”*.

As professoras e a coordenadora pedagógica, assim como as famílias entrevistadas, expressam em suas falas um discurso de valorização da relação entre escola e família na Educação Infantil. Uma professora assevera que essa relação é possível quando existe confiança entre professoras e famílias. Duas delas acreditam que uma relação dialógica colabora para efetivar essa relação. Para a professora do nível II, *“hoje é mais fácil dialogar com os pais, pois como a criança é motivada a participar temos muitas informações e isso contribui com a relação”*. Outras duas professoras acreditam que, com essa relação, a criança, em sua aprendizagem, é influenciada, apresentando bons resultados. Já uma professora do nível III diz trazer *“melhor convívio da criança na escola”*, relacionando isto à ação educativa realizada pela escola e o comprometimento das famílias com a educação da criança. Por último, uma professora do nível III se expressa muito bem:

Se não tivesse a parceria da escola com a família não seria possível desenvolver um trabalho digno com as crianças, é como o ditado popular diz: *“uma andorinha só não faz verão”*. (ADRIANIZY).

Também a coordenadora pedagógica fala:

[...] quando trabalhamos em parceria tudo dá certo e o retorno é imediato. A escola procura desempenhar seu papel com responsabilidade e conta principalmente com a colaboração e a ajuda da família.

Como se vê, a coordenadora concorda com a importância atribuída pelas professoras à relação entre a escola e a família na Educação Infantil. Ante a difícil e complexa tarefa de educar crianças, parece que elas acreditam também que as responsabilidades não podem ser

assumidas isoladamente pela família ou pela escola, conforme aponta Spaggiari (In: EDWARDS et al., 1999).

As professoras entrevistadas e a coordenadora pedagógica destacam vários momentos de interação com as famílias das crianças, entre os quais estão as reuniões bimestrais e semestrais; os projetos (projeto junino; 7 de Setembro, aniversário da escola); o contato na entrada e saída da escola; as conversas individuais entre pais, professores e direção da escola; as festas comemorativas realizadas pela escola e pela comunidade; os debates (saúde, Bolsa-Escola, formação religiosa, formação da criança); os comunicados enviados na agenda escolar e, também, na rádio da própria instituição; e a socialização do portfólio das crianças.

Vale destacar que as reuniões de pais e mestres aparecem em todos os depoimentos das famílias, das professoras e da coordenadora pedagógica como principal referência, na instituição pesquisada, de contato entre a escola e a família. Em seguida, ao contrário das famílias entrevistadas que veem as festas comemorativas como segunda opção, as professoras consideram o contato com os pais em sala de aula durante a entrada e saída da criança.

Para Bassedas et al (1999), esse momento de entrada e saída da escola é ideal para o contato com as famílias. Dizem que, na entrada, pais e mães precisam conhecer o espaço onde deixam seu filho e as outras crianças a fim de permanecerem confiantes. A saída, principalmente, é o momento de relacionamento informal entre a família e a escola, o qual requer dos professores alguns cuidados, por exemplo:

[...] informar os pais sobre as tarefas de grupo realizadas no decorrer do dia (um quadro fora da sala com explicação do tema e/ou temas prioritários trabalhados naquela jornada);

Encontrar estratégias para que os maiores tenham coisas para explicar à sua família. Isso pode ser obtido fazendo-se uma recapitulação com as crianças do que foi feito durante o dia ou de algum aspecto em especial;

[...] dar informações aos pais e às mães quando os próprios meninos e meninas ainda não são capazes (cardeneta diária na mochila escola);

Poder despedir-se pessoalmente, sabendo que haverá um reencontro com a professora. (P.156).

Esses cuidados referidos por Bassedas et al., com certeza, contribuem para uma boa relação entre a escola e família na Educação Infantil. Sobre as facilidades para uma relação parceira entre a escola e a família, as professoras e a coordenadora pedagógica da instituição pesquisada, acrescentam:

[...] uma coordenação escolar que incentive os pais e os professores [...]. (KÁTIA).

[...] um diretor mediador, que desenvolva projetos, gincana e outras atividades que desperta o interesse da criança e de seus pais. O envolvimento do diretor com as famílias, as professoras e a comunidade é fundamental para acontecer essa relação. (ADRIANIZY).

É interessante destacar dessas falas a atuação da direção no trabalho com as famílias. Esta, segundo as professoras Kátia e Adrianizy, precisa incentivar e mediar a relação recíproca entre a escola e a família. Para tanto, o dinamismo de uma direção escolar contribui não somente para uma comunicação aberta com os pais das crianças, mas também para a efetivação de uma gestão democrática, proporcionando aos pais fazer parte das decisões da instituição educativa.

O comprometimento da família e da escola também é lembrado:

A presença dos pais durante os movimentos que a escola realiza. Acho que o interesse dos pais é fundamental. (RACHEL).

As professoras repassar o que está acontecendo em sala de aula e a socialização com os pais. (MARCELA).

Assim como as famílias entrevistadas, também as professoras enfatizam o interesse das famílias pelas ações escolares e o contato constante da escola com os pais como sendo condições de encorajamento entre a escola e a família.

Além dessas facilidades, as professoras acreditam que o sucesso de um trabalho entre as instituições educativas se apoia na interação afetiva entre escola, crianças e famílias:

[...] boa relação entre professora e criança e o respeito entre ambos. (ROSEANE).

O convívio amigável dos pais com os professores, tanto em momentos bons como ruins. A cooperação nas atividades, ajudando os professores com a participação dos filhos. (DAYANA).

Um bom relacionamento entre a escola e a família é primordial para ajudar no processo ensino e aprendizagem, o que consiste na troca de informações que ajuda no desenvolvimento social, cultural e intelectual das crianças. (COORDENADORA PEDAGÓGICA).

Paralelamente às facilidades, as professoras falam sobre o que dificulta a relação entre a família e a escola:

Sem dúvidas a falta de tempo dos pais [...], o horário das reuniões [...] a família desestruturada. (KÁTIA).

[...] a falta de relacionamento dos pais com as professoras; os pais não entrar na escola para deixar a criança na sala de aula; a criança faltar por vários dias (RACHEL).

A falta de diálogo. (MARCELA).

O pai [...] não respeitar o regimento da escola [...]. (DAYANA).

[...] os pais não entender que seu filho precisa de seu apoio [...]. (ADRIANIZY).

Algumas dessas dificuldades são citadas também pelas famílias entrevistadas, que destacam situações de sua vivência na escola pesquisada, talvez sendo mais fácil para elas identificá-las do que para as professoras, que geralmente se esforçam para oferecer melhores encontros com as famílias, mas não investem em criatividade e dinamismo durante as reuniões e festas comemorativas, como ressalta uma das mães. É evidente nas falas anteriores que todas as dificuldades expressas estão ligadas aos pais das crianças, visto que as professoras entrevistadas não veem nenhum problema com a participação das famílias que tenha origem na própria instituição.

Das falas das professoras, vale destacar, como dificuldade, a diferença de estrutura familiar, esta também citada pela coordenadora pedagógica; pois, segundo elas, quando os pais são separados, geralmente outros familiares são responsáveis pela ida da criança à escola, o que torna difícil o diálogo, pois, às vezes estes se recusam a assumir a educação da criança. Como dizem Spodek e Saracho (1998), porém, os professores têm o papel de ajudar os pais nessas situações conflituosas, considerando que às vezes são as únicas pessoas com que as famílias têm contato regular.

Além de considerarmos os aspectos há poucos citados, um fator importante para a relação família e escola se refere à comunicação e ao convite às famílias para participarem das atividades que a escola promove. Segundo as professoras e a coordenadora pedagógica, as famílias da referida escola são convidadas, e até a comunidade e as autoridades do Município, como ressalta a professora Dayana, do nível III. A professora Adrianizy, do nível III, diz que os docentes e a coordenação da escola são responsáveis por divulgar os eventos, enquanto a coordenadora pedagógica ressalta as crianças como os mediadores dessa relação. Da mesma forma que as famílias entrevistadas, elas disseram que os meios de transmissão têm por suporte os convites, rádio comunitária e escolar, e, também, a agenda escolar. Referem-se aos

pais como sujeitos “*ativos e interessados*” (KÁTIA), “*participativos*” e “*solidários*” (ROSEANE); “*presentes e atuantes*” (COORDENADORA PEDAGÓGICA), com as atividades da escola e a educação da criança. Assim, segundo a coordenação, as famílias “*buscam atender e satisfazer as necessidades da escola participando das reuniões e dos eventos*”; no entanto, é preciso considerar também que, quando as famílias se interessam pelas ações e eventos da instituição escolar, elas buscam satisfazer suas necessidades ante a educação das crianças. As professoras reconhecem, todavia, que nem todas as famílias participam, como ressalta a professora Rachel, do nível I: “*temos que conquistar alguns pais distantes da escola*”. Logo, são otimistas em dizer que trabalham para melhorar a relação com as famílias.

As professoras do nível I dizem que “*aqui a relação acontece diariamente*” (KÁTIA) e “*estamos disponíveis para informar e esclarecer as dúvidas que os pais trazem*”. (RACHEL). E as professoras do nível II acham que a comunicação e o companheirismo entre pais, professoras e direção têm colaborado com a relação na escola pesquisada. Uma dessas professoras exprime que “*no segundo semestre do ano letivo a relação é bem melhor, os pais estão seguros em deixar seus filhos com a gente*”. (MARCELA). Das professoras do nível III, vale destacar a fala de uma delas em que diz: “*Estamos bastante satisfeitos, ouvimos os pais falar bem de nosso trabalho e a escola tem mantido o contato com as famílias*”. (ADRIANIZY).

Nesse caso, a coordenadora pedagógica foi bastante direta em sua resposta: “*A relação é bem favorável, pois procuramos dentro das nossas possibilidades dar assistência necessária e devida as famílias*”. Esta assistência, segundo ela, se refere a orientar os pais quanto às dificuldades da criança e os problemas familiares; além disso, o atendimento individual e coletivo das famílias na instituição escolar.

Em consequência de um trabalho constante com as famílias, segundo as professoras, estas se sentem “*satisfeitos*” (KÁTIA e ADRIANIZY), “*bem*” (RACHEL e ROSEANE) e “*lisonjeadas*” (MARCELA), pois os membros escolares “*as recebem com alegria e respeito*” (RACHEL); “*na escola há grande companheirismo*” (ROSEANE); e “*a escola se mobiliza para colocar em prática essa relação*” (ADRIANIZY). Duas professoras, Dayana e Rachel, relacionam o bem-estar das famílias na escola com o cuidado e respeito das professoras para com as crianças. Dayana e a coordenadora pedagógica falam que as famílias se sentem bem por não haver discriminação na escola, como diz a professora: “*aqui a escola respeita o pai como ele é, e não pela situação social*”.

Da mesma forma que o trabalho da escola com as famílias representa para essas instituições educativas uma relação com benefícios mútuos, também a participação dos pais na escola significa para as crianças maior confiança de estar num ambiente tão distinto do seu lar, vivenciando situações diversas e convivendo com pessoas também diferentes do seu meio familiar. As professoras entrevistadas e a coordenadora pedagógica falam que, com a presença de familiares na escola, as crianças se sentem “seguras” (KÁTIA, DAYANA e COORDENADORA PEDAGÓGICA), “bem” (RACHEL), “felizes e seguras” (MARCELA) e “com liberdade” (ADRIANIZY). Elas ainda acrescentam:

Quando estão fazendo atividades em sala de aula onde os pais também se encontram fazem questão e gostam de mostrá-las. (MARCELA).

Quando os pais não vêm, elas sentem falta. Ao contrário a criança vai de imediato ao encontro deles. (ROSEANE).

É uma felicidade na chegada e na saída. A criança se sente segura e passa ter responsabilidade e interesse com que está aprendendo. Os pais é a base de tudo! (DAYANA).

Como já evidenciamos na análise das falas das famílias entrevistadas, as professoras consideram que as crianças também sentem necessidade de apoio de seus membros familiares e, por isso, a presença destes na instituição escolar as deixa seguras. É possível considerar que os sentimentos e atitudes das crianças aqui destacadas estão ligados ou não a uma relação afetiva com seus componentes familiares. Desse mesmo modo, acontece quando a criança estabelece uma relação ótima, e também afetiva, com a professora.

Alguns ficam inibidos porque acham que a professora vai reclamar algo para os pais. (RACHEL).

[...] outras apresentam algum receio, pois acham que quando os professores veem os pais, eles irão fazer algum tipo de reclamação. (COORDENADORA PEDAGÓGICA).

No caso das crianças inibidas com a presença de seus membros familiares, talvez sejam influenciadas pelo tratamento que recebem das instituições educativas – família e escola – responsáveis pela sua educação. Se as crianças se sentem inibidas, em alguns casos, os pais também se acham, necessitando que as professoras equilibrem as informações positivas e negativas sobre a criança, pois, segundo uma das mães e uma professora

entrevistada, somente informações negativas sobre o comportamento diário da criança em sala de aula, os pais não gostam. E, quando isso acontece na interação de professores e pais, revela-se como fator negativo na relação família e escola na Educação Infantil.

Haja vista a experiência na escola pesquisada, principalmente com as famílias das crianças, as professoras entrevistadas sugerem estratégias necessárias para estabelecer uma relação entre a escola e a família. Para uma instituição que está iniciando um trabalho de parceria com as famílias, elas sugerem, além de reuniões coletivas, também reuniões por turmas “*mantendo maior contato e diálogo com os pais*” (KÁTIA); em seguida, a realização de projetos os quais “*atraem mais atenção dos pais e de outros familiares*” (ROSEANE), podendo estes “*ajudar os filhos com materiais, pesquisas e apresentar com as crianças*” (ADRIANIZY). A professora Kátia ainda sugere a escola manter um “*cadastro atualizado*” das crianças, e a professora Dayana diz: “*se a criança não vai à escola, a escola vai até a criança, assim, deve acontecer com a ausência da família*”. Dayana e outras duas professoras dizem ser necessário a escola inovar e proporcionar “*lazer e cultura*”; “*envolver os pais nas visitas a brinquedoteca, a quadra de esporte e outros movimentos da escola*”, e também, “*poderia dar cursos de computação*”, pois a maioria das escolas possui laboratórios de informática.

Para uma instituição escolar que pensa em melhorar sua parceria com as famílias, as professoras do nível I acham que esta pode incluir mães e pais nas atividades em sala de aula com as crianças, e, além disso, planejar um momento somente com as famílias para desenvolver com elas algumas atividades feitas com as crianças, levando-as a conhecer e entender o trabalho docente na Educação Infantil. Já a professora Roseane, do nível II, preocupa-se com a participação mínima dos pais (homens), ressaltando a necessidade de um momento somente com eles. Novamente a professora Marcela aposta em cursos e diz que a escola deve buscar parceria com outras instituições, com o intuito de oferecer cursos profissionalizantes. E as professoras do nível III expressam a necessidade de a escola dar às famílias oportunidades de acesso aos diversos ambientes escolares e conceder às crianças uma educação dinamizada com lazer, brincadeiras e cultura, pois, segundo essas professoras, isso desperta interesse também nas famílias das crianças. Elas enfatizam que é preciso um espaço adequado para pais e crianças participarem juntos dessas atividades.

A coordenadora pedagógica destaca que “*primeiro a escola deve conscientizar os pais sobre a importância de se trabalhar em parceria*”, contribuindo com a presença deles e

dando-lhes oportunidades de “*vez e voz*” no interior do espaço escolar. Ainda fala em efetivar o Conselho Escolar, pois, segundo ela, é onde os pais se envolvem com as decisões da escola; também ressalta palestras e campanhas preventivas, podendo os pais adquirir informações necessárias para suas vidas cotidianas.

Assim como as famílias entrevistadas, as professoras e a coordenadora pedagógica apostam numa parceria construtiva entre escola e família, na qual a participação das famílias supera a presença apenas nas reuniões e festas comemorativas e assume a função de complementar a educação da criança, participando das ações direcionadas da escola e das atividades em sala de aula, beneficiando o desenvolvimento integral da criança. É notório, nos depoimentos dos entrevistados (professoras, famílias e coordenadora pedagógica) o fato de que muitas das estratégias pensadas e sugeridas ao trabalho com as famílias revelam o desejo de concretização desses momentos na instituição pesquisada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação às percepções sobre o objetivo da Educação Infantil, é evidente que a maior parte das famílias se volta à alfabetização das crianças, enquanto as professoras e a coordenadora pedagógica destacam a socialização da criança como fator principal nessa etapa da educação. Vale ressaltar que, em geral, os entrevistados veem a Educação Infantil como etapa importante para o desenvolvimento da criança e, portanto, reconhecem que sua funcionalidade abrange um sentido mais geral de Educação. Com efeito, a escola é um complemento da família, havendo necessidade de uma união entre essas instituições educativas.

É necessário e indispensável que todos os envolvidos com a educação da criança compreendam a etapa de Educação Infantil, visto que é um suporte para as intervenções adequadas no meio familiar e escolar. Nesse caso, a escola deve ser responsável por debater com as famílias acerca do desenvolvimento e aprendizagem da criança, e abrir espaços para a participação ativa dos pais, seja em sala de aula, no planejamento e/ou execução das atividades. Com certeza, isso faz parte do papel que a instituição de Educação Infantil tem que desempenhar no que concerne à relação com as famílias das crianças.

A instituição pesquisada, apesar de realizar um trabalho com as famílias, ainda deve atentar para algumas questões relevantes, como estabelecer uma comunicação aberta com os pais, os quais possam opinar e dar ideias quando necessário, e contribuir com as decisões da escola. É preciso uma valorização dos saberes das famílias, visto que, para as professoras entrevistadas, somente elas têm o que contribuir com os pais na educação das crianças. É importante que as famílias tenham chances de contribuir com a escola, conseqüentemente, com a educação de seus filhos.

Notamos que ainda não há uma apropriação do sentido real que tem a parceria entre a escola e a família, haja vista que as famílias são impostas a se adaptar às atividades escolares, estas decididas pela direção e pelos professores. A escola e a família precisam realizar um trabalho mútuo e cooperativo, a fim de que tirem proveitos ambas as instituições. As famílias no interior da escola devem conquistar espaços e superar uma atitude passiva, de apenas

receber informações, e assumir uma participação ativa nas diversas possibilidades de comunicação com a escola.

É possível garantir que a receptividade da comunidade escolar e a atuação dinâmica da direção perante as famílias são fatores que contribuem para um bom relacionamento entre família e escola. A ausência dos professores nas reuniões, porém, assim como a formalidade em alguns momentos de encontro com os pais, são fatores citados pelas famílias entrevistadas que inibem sua participação na escola. Concordamos com as famílias entrevistadas na ideia de que a instituição escolar deve inovar seus momentos formais com os pais, que estes não sejam apenas para falar de dificuldades das crianças e sim firmar cada vez mais um vínculo entre direção, professores e famílias.

A relação adequada entre família e escola e uma boa qualidade da educação da criança são interdependentes. Na opinião das famílias, o fato de a escola oferecer uma educação de qualidade as motiva bem mais a comparecer às reuniões e participar dos eventos promovidos pela escola. Por outro lado, consideram que uma relação não amigável entre professores e famílias pode influenciar na prática docente do professor de Educação Infantil, que passaria a não dar a mesma atenção à criança, e também na participação das famílias no ambiente escolar. Tendo em vista estes fatos, a relação família e escola na Educação Infantil representa um salto para uma educação de qualidade oferecida às crianças; ou seja, sem uma relação recíproca entre famílias e escola, torna-se inviável alcançar resultados positivos na Educação Infantil e, tampouco, a garantia dos direitos das crianças.

Consideramos que a formação do professor de Educação Infantil é um fator essencial para uma boa relação com as famílias, uma vez que lida com situações conflituosas com os pais, as quais requerem conhecimentos específicos e não somente experienciais. Portanto, uma formação inicial não basta, fazendo-se necessário aos professores o investimento em formação continuada, podendo a própria instituição escolar ser responsável por formar grupos de estudos para debater a relação família e escola na Educação Infantil.

Concluimos que o diálogo é indispensável no contato entre famílias e professores. Desse modo, eles devem cultivar canais abertos para a comunicação no interior e exterior da sala de aula. Percebemos que as professoras entrevistadas apenas atribuem as dificuldades dessa relação aos pais das crianças, não vendo na escola nenhum fechamento à participação das famílias. Vale ressaltar a ideia de que, se a instituição escolar não oferecer oportunidades de inserção dos pais e não realizar um trabalho de motivação à participação constante de pais

e mães, a relação família e escola na Educação Infantil continuará sendo apenas mais um projeto no interior da instituição educativa. Cabe à escola, nesse sentido, esclarecer aos pais os objetivos e a importância desse trabalho para a educação das crianças. Também há de existir momentos de escuta das famílias e dos professores, colaborando para que estes se acham capacitados e úteis nas decisões escolares.

As sugestões para promover o maior envolvimento com os pais, apontadas pelas famílias, pelas professoras e a coordenadora pedagógica, revelam uma consciência da possibilidade de uma relação cooperativa entre escola e família, sendo que a maioria dessas sugestões expressa desejos dos entrevistados de que elas possam se realizar no ambiente escolar da instituição pesquisada.

Ressaltamos que a importância da relação família e escola na Educação Infantil está na interação de professores e famílias, proporcionando à criança a confiança; na aprendizagem compartilhada ( na escola e em casa), podendo os pais criar situações educativas, juntamente com a escola, que propiciem as crianças experimentar atividades e materiais diversificados; e na necessidade de a família conhecer o ambiente escolar e compreender a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Também está imbuída na interação da família com outras crianças a fim de esclarecer dúvidas dos pais referentes aos seus filhos; na participação ativa dos pais em atividades escolares no interior e exterior da sala de aula e atividades direcionadas aos pais; e na participação ativa dos pais nas decisões da escola. Essa relação, sem dúvidas, é uma grande oportunidade de educação, tanto para as famílias como para os professores, uma vez que possuem saberes diversos e podem trocar informações e ideias a respeito da educação das crianças.

Para concluir, é importante ressaltar que os autores estudados neste trabalho, e também os entrevistados, expressaram de forma muito clara a ideia de que a educação das crianças depende muito da relação entre a família e a escola, a qual geralmente influencia de forma positiva o trabalho realizado pela escola.

## REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. **Família e escola de educação infantil: companheiras de jornada**. 2006. 159p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Potifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

AGOSTINHO, Kátia Adair. “Socialização na educação infantil”. **Revista Pátio – Educação Infantil**. Ed: Artmed, Ano VII, n. 19, p. 44 – 47, março/ Junho de 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BASSEDAS, Eulália; HUGET, Teresa e SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BONOMI, Adriano. O relacionamento entre educadores e pais. In: BONDIOLI, Anna.; MANTOVANI, Susanna. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos, uma abordagem reflexiva**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília. Lei Federal nº 8069 de 13 de Julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Introdução. Volume I. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei nº 9394/96. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1997.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem Linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONI, Augusta. A programação. In: BONDIOLI, Anna.; MANTOVANI, Susanna. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos, uma abordagem reflexiva**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GENTILE, Paola. “Parceiros na aprendizagem”. **Revista Nova escola**. Ed: Abril, Ano XXI, n. 193, p.32-39, junho/julho de 2006.

GÓMEZ, Gregório Rodriguez.; FLORES, Javier Gil.; JIMÉ NEZ, Eduardo Garcia. **Metodologia de La investigación cualitativa**. Ediciones Aljibe, 2. ed., 1999.

HADDAD, Lenira. Substituir ou compartilhar? O papel das instituições de educação infantil no contexto da sociedade contemporânea. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (org). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

POOLI, João Paulo. Quando “um outro” se torna “muitos outros”: da família à escola, a complexidade da descoberta do mundo social. In: ROMAN, Eurilda Dias. ; STEYER, Vivian Edite (organizadoras). **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

SPAGGIARI, Sergio. A parceria comunidade – professor na administração das escolas. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem Linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SPODEK, Bernard. ; SARACHO, Olivia N. **Ensinando crianças de três a oito anos**. Trad. Cláudia Oliveira Dornelles. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VITÓRIA, Telma. As relações creche e famílias. In: **Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação**. Universidade Federal de santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. V.1, n. 1 (dez. 1983) – Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED, 1983.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**APÊNDICE**

### APÊNDICE A – FICHA DE CADASTRO DAS FAMÍLIAS

TURMA	NÍVEL I	NÍVEL II	NÍVEL III

NOME DA CRIANÇA:	
FILIAÇÃO:	
ENDEREÇO:	BAIRRO:
PONTO DE REFERÊNCIA:	
TELEFONE:	RESIDENCIAL:
CELULAR:	

DISPONIBILIDADE DE TEMPO	MANHÃ	TARDE	NOITE	DIAS DISPONÍVEIS
DURANTE A SEMANA				
DURANTE FINAL DE SEMANA				

DATA DA ENTREVISTA:
HORÁRIO DA ENTREVISTA:

2

<sup>2</sup> Esta ficha foi utilizada para o cadastro das famílias após o sorteio realizado na instituição pesquisada.

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS

- 1 Na sua opinião, qual é o principal objetivo da Educação Infantil?
- 2 E qual o papel da família para a realização desse objetivo?
- 3 Qual a importância da relação entre a família e a escola na Educação Infantil?
- 4 Como o Sr. / Sra. acha que essa relação entre a escola e a família pode contribuir para a qualidade da educação oferecida às crianças?
- 5 O Sr. / Sra. acha possível uma parceria entre a escola e a família?
- 6 Como o Sr. / Sra. acha que aqui, nesta escola, acontece a relação entre a escola e a família?
- 7 Na sua opinião, o que facilita a relação entre a escola e as famílias?
- 8 E qual o seu ponto de vista sobre o que dificulta essa relação?
- 9 Como o Sr. / Sra. analisa o papel do professor de Educação Infantil ante a parceria com as famílias?
- 10 Essa escola comunica e/ou convida as famílias a participarem de atividades que promovem?
- 11 Como o Sr. / Sra. caracteriza a comunicação entre a escola e as famílias das crianças?
- 12 Como o Sr. / Sra. analisa sua presença e seu interesse pelas atividades da escola onde seu filho estuda?
- 13 Como o Sr. / Sra. se sente acolhida (o) pela escola?
- 14 E, na sua opinião, como as crianças se sentem com a presença de seus pais na escola?
- 15 Que estratégias o Sr. / Sra. sugere para uma instituição educativa que ainda não estabeleceu uma parceria entre a escola e a família e gostaria de estabelecer?
- 16 E para as instituições que já mantêm a parceria com as famílias, o que o Sr. / Sra. sugere para melhorá-la ainda mais?

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS E O NÚCLEO GESTOR

- 1 Na sua opinião, qual é o principal objetivo da Educação Infantil?
- 2 E qual o papel da família para a realização desse objetivo?
- 3 Qual a importância da relação entre a família e a escola na Educação Infantil?
- 4 Como o Sr. / Sra. acha que essa relação entre a escola e a família pode contribuir para a qualidade da educação oferecida às crianças?
- 5 O Sr. / Sra. acha possível uma parceria entre a escola e a família?
- 6 Como o Sr. / Sra. acha que aqui, nesta escola, ocorre a relação entre a escola e a família?
- 7 Na sua opinião, o que facilita a relação entre a escola e as famílias?
- 8 E qual o seu ponto de vista sobre o que dificulta essa relação?
- 9 Como o Sr. / Sra. analisa o papel do professor de educação infantil ante a parceria com as famílias?
- 10 Essa escola comunica e/ou convida as famílias a participarem de atividades que promovem?
- 11 Como o Sr. / Sra. caracteriza a relação entre a escola e as famílias das crianças?
- 12 Como o Sr. / Sra. analisa a presença e o interesse das famílias nas atividades da escola?
- 13 Como o Sr. / Sra. acha que as famílias se sentem acolhidas pela escola?
- 14 E, na sua opinião, como as crianças se sentem com a presença de seus pais na escola?
- 15 Que estratégias o Sr. / Sra. sugere para uma instituição educativa que ainda não estabeleceu uma parceria entre a escola e a família e gostaria de estabelecer?
- 16 E para as instituições que já mantêm a parceria com as famílias, o que o Sr. / Sra. sugere para melhorá-la ainda mais?